Luís Seabra Lopes

RELAÇÕES COM A GEOGRAFIA E O POVOAMENTO A ESTRADA EMÍNIO-TALÁBRIGA-CALE DE ENTRE DOURO E MONDEGO



Separata da Revista Conimbriga - Volume XXXIX - 2000 Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra

Luís Seabra Lopes

Professor na Universidade de Aveiro, Departamento de Electrónica e Telecomunicações Doutorado em Engenharia Electrotécnica pela Universidade Nova de Lisboa.

A ESTRADA EMÍNIO-TALÁBRIGA-CALE

"Conimbriga" XXXIX (2000) p. 191-258 Relações com a Geografia e o Povoamento de Entre Douro e Mondego

RESUMO: que apontam todos os outros elementos conhecidos. a situar Talábriga no Marnel, sendo esta precisamente a hipótese para distância de Emínio a Talábriga ao longo do itinerário proposto leva quanto ao traçado da estrada romana. A contagem das 40 milhas de localização de Talábriga tem sido o principal factor de incerteza medieval. A falta de uma solução consensual para o problema da tidas em conta as referências a estradas contidas na documentação do povoamento e das condições geomorfológicas da região de entre moderna estrada nacional, baseia-se na interpretação da evolução as cidades de Emínio (Coimbra) e Cale (Porto/Gaia). O traçado que Neste artigo estuda-se o traçado da estrada que ligava, na época romana. Douro e Mondego desde a época romana. Naturalmente, são também bem diferente do traçado da estrada coimbrã ou da

ABSTRACT: In this paper, the course of the road linking the Roman cities Aemievidences gathered until now briga in modern Marnel. This hypothesis is also supported by all other and Talabriga along the proposed road course leads to locating Talaof the roman road. Counting the 40 miles distance between Aeminium Talabriga city has been the main uncertainty factor about the course documents are also taken into account. The difficulty in locating the morphologic conditions. References to roads contained in medieval interpretation of the evolution of population settlements and geocoimbrã or of the modern national road, is reconstructed based on an road course, quite different from the course of the so-called estrada nium (Coimbra) and Cale (Porto/Gaia) is investigated. The proposed

A ESTRADA EMÍNIO-TALÁBRIGA-CALE

Relações com a Geografia e o Povoamento de Entre Douro e Mondego

1. Introdução

necessários. organizada, por forma a fornecer a esses centros urbanos os géneros volvimento de novos centros urbanos e a uma exploração agrícola mais a uma maior abertura das economias dos povos indígenas, ao desengrandes vias que suportavam esse comércio levaram, por sua vez, mação das riquezas dos territórios conquistados. Com o tempo, as o enriquecimento dos conquistadores através do comércio e transforeficazmente administrado e explorado. O objectivo era, evidentemente, era também a infraestrutura essencial para que o Império pudesse ser viária, Roma fazia chegar mais rapidamente, a qualquer ponto do seu vastíssimo império, os exércitos que o mantinham coeso. A rede viária poder de Roma nos territórios que dominou. Através da rede A rede viária foi uma das marcas mais significativas deixadas

da circulação e defendiam o território de possíveis invasões que por tificadas situadas ao longo das vias principais zelavam pela segurança da construção de pontes, da colocação de miliários, etc. Onde havia já existia, numa forma primitiva, desde tempos ancestrais. Os caminhos era considerada um feito tão notável como uma vitória militar ou um essas mesmas vias se aproximassem. A construção de uma grande via veredas desconfortáveis e sinuosas, construíram estradas. Posições fornivelação das vias, da melhoria do pavimento, por vezes empedrando-o, foi melhorar as condições de circulação através do alargamento e e calcorreados desde sempre pelo homem. O que os Romanos fizeram principais são caminhos naturais, sugeridos pelas condições do terreno Naturalmente, grande parte da rede viária deixada pelos Romanos

mentos comemorativos. acto político relevante e era, por vezes, assinalada através de monu-

onde aliás se documenta o culto aos Lares Viales. d.C., capital da nova província da Calécia. A estrada passava ainda importante centro vial, e por Conímbriga, outro centro vial importante pela colónia de Escálabis, sede de um dos conventos da Lusitânia e um dos conventos da Tarraconense e, a partir de finais do século III Olisipo, município de cidadãos romanos, a Brácara Augusta, sede de Em Portugal, uma das principais vias romanas era a que ligava

teorias divergentes até ao presente. já as localizações de Escálabis e de Talábriga têm continuado a suscitar a localização de Conímbriga foi determinada em finais do século XIX, os que dependem da localização das cidades tocadas pela estrada. Se cado diversos problemas difíceis de resolver. Os mais difíceis são, aliás, A reconstituição do traçado da estrada Olisipo-Brácara tem colo-

das pelas principais estradas romanas. consideração. Com o rigor que é seu timbre, ALARCÃO (1967; 1970; informado trabalho com propostas ou sugestões ainda hoje dignas de a dever-se a Costa Veiga (1943). Trata-se de um pequeno mas bem traçados das principais estradas romanas em território português ficou 1988a, I, p. 49-61; 1988b) tem também delineado as directrizes segui-Uma das primeiras contribuições para o esclarecimento dos

quentemente inaceitáveis. O traçado da estrada entre Olisipo e Brácara reno, do que pelas interpretações e propostas de solução, que são freinformação, muita da qual directamente pesquisada pelo autor no terexaustivamente os traçados das vias da Lusitânia. Foi este o primeiro território português. Ainda hoje é útil, embora mais pela abundância de estudo de fôlego sobre a rede viária e o Itinerário de Antonino no actual Augusta é tratado nos volumes II e III (SAA, 1959; 1960). Mário Saa publicou uma obra em seis volumes em que examina

português a norte do Tejo. informação relativa à rede viária romana na faixa atlântica do território de ser extremamente útil, por constituir uma síntese actualizada de concordar com algumas das soluções apresentadas, não deixa esta tese viárias entre Olisipo e Brácara (Mantas, 1996). Embora não possa Na sua tese de doutoramento, Vasco Mantas estudou as ligações

estudo de fundo sobre esta parte da estrada ficou a dever-se a ALVES preendidos entre Emínio (Coimbra) e Cale (Porto/Gaia). O primeiro O presente artigo centra-se nos três segmentos da estrada com-

problema. não passava em Aveiro, mas sim mais pelo interior. Costa Veiga (1943) acrescentou diversas observações pertinentes quanto a este Pereira (1907). Este autor demonstrou pela primeira vez que a estrada

contribuições para o estudo da rede viária romana e medieval desta Castro (1987), Mattoso, Krus & Andrade (1993). (1942), Oliveira (1943), A. Sousa Baptista (1947; 1948; 1958; 1959), Nogueira Gonçalves (1959; 1967; 1981), Ladeira (1982), região, nomeadamente Rocha Madahil (1941), J. Sousa Baptista Diversos estudiosos da arqueologia e história regionais têm dado

e rapidamente me apercebi de que tudo estava em aberto, por não estar a estrada romana. Tratei de verificar os fundamentos de tal suposição meados do século XIX. Em face de diversos vestígios de uma estrada ainda resolvido o problema da localização de Talábriga. antiga, larga e de boa construção, dizia-se que ali teria passado também tarde chamada estrada real, havia passado em São João da Azenha até localidade situada na margem direita do rio Cértima, entre Avelãs do nessa altura a preparar uma monografia sobre São João da Azenha, Caminho e Aguada de Baixo. Sabia-se que a estrada coimbrã, mais O meu interesse por este problema surgiu em 1992. Andava eu

referências medievais a estradas e, em especial, pela reconstituição do traçado da estrada mourisca, que, até ao século XII, ligou Portucale e Colimbria (SEABRA LOPES, 1994ab). Quanto a Talábriga, recolhi a história do Baixo Vouga que não resisti a procurar a sua solução. uma série de elementos que apoiam, se é que não demonstram, a sua A investigação do traçado da estrada começou pela inventariação das 1996ab; 1997a). localização no Marnel, concelho de Águeda (SEABRA LOPES, 1995; Achei este último problema tão interessante e importante para

damente numa pequena publicação autónoma (SEABRA LOPES, 1997b). considerado o mais provável. Esta solução já foi apresentada abreviatraçado da estrada romana, bem diferente do traçado tradicionalmente Neste artigo, apresento a minha solução para o problema do

ções entre a geografia, o povoamento e a rede viária, bem como os eledúvidas. A cronologia da utilização desses itinerários é estudada, tendo rados para a ligação de Emínio a Talábriga, que é a que suscita maiores estudada. Quatro itinerários alternativos serão inicialmente considementos que pude recolher sobre a evolução geomorfológica da região Começarei por apresentar algumas considerações sobre as rela-

descreve-se em pormenor o traçado considerado mais provável para em conta as referências medievais a estradas e a evolução geomorfotoda a estrada entre Emínio e Cale. lógica e da estrutura do povoamento da região do Vouga. Finalmente,

5 Relações gerais entre a geografia, a rede viária e o povoamento

suas deambulações, por espaços relativamente vastos, em busca de aliitinerários foram certamente desbravados pelo homem nómada, nas geografia, o povoamento e a rede viária numa certa região. Os grandes quentemente, à formação de povoados. tência humana levou à sedentarização dos povos primitivos e, consemento. A emergência da agricultura como principal suporte da subsis-São extremamente interessantes de analisar as relações entre a

à criação de hierarquias territoriais, atribuindo-se a cada unidade terfortificadas. A necessidade de coordenar esforços de vária índole levou sidade de defender os territórios levou ao surgimento de povoações a uma delimitação territorial progressivamente mais nítida. A necesritorial uma capital. O aumento da população e a rivalidade entre povos vizinhos levou

os bens necessários à sua subsistência, adquiriam-nos na periferia rural maior fosse a importância de uma cidade e, como não produziam cratas e militares. O número destes indivíduos era tanto maior quanto tinha em contacto as cidades, as comunidades agrárias, os locais de rial e as trocas comerciais desenhavam uma rede de caminhos que manadorno ou matérias-primas. As necessidades de administração territogénero de produtos, fossem eles armas, utensílios vários, objectos de urbanos, e mesmo as pequenas povoações rurais, consumiam outro povoações da cidade. Assim se estabelecia um fluxo comercial das pequenas uma das mais interessantes manifestações do seu tecido económico extracção de matérias-primas, etc. A rede viária de uma região é, pois, Nas cidades capitais de territórios se acumulavam políticos, buropara os grandes centros. Obviamente, os grandes centros

isto é, locais com boas condições defensivas, normalmente em pontos altos, centrais em relação aos territórios a que presidiam e, frequenbém eram utilizados como vias de comunicação, os grandes centros temente, no cruzamento de vias importantes. Uma vez que os rios tam-Normalmente, os grandes centros surgiam em locais estratégicos,

surgiam, por vezes, no cruzamento de grandes vias com rios. Naturalseria tanto mais curto quanto menos obstáculos (rios, montes, etc.) o mente, o caminho de ligação entre dois aglomerados populacionais terreno oferecesse.

inicialmente, seriam apenas regiões de passagem. guração dos caminhos. Os aspectos políticos e económicos do povoatrias de extracção de matérias-primas e das cidades bem como a confivez, acaba por promover, a fixação de populações em regiões que, mento ajudam também a configurar a rede viária. A rede viária, por sua -primas, determinam a localização das comunidades agrárias, das indúsrede hidrográfica, a fertilidade dos solos e a existência de matériasviária e o povoamento. Aspectos geográficos, como sejam o relevo, a São, pois, muito estreitas as relações entre a geografia, a rede

é através dessa rede viária que se escoam os bens excedentários, é junto essa disseminação das populações pelos espaços vazios processaminação do povoamento por áreas anteriormente desabitadas. RIBEIRO a necessidade de apoiar os viajantes leva à fixação de populações ao verdade, os viajantes sempre precisaram de estruturas de apoio, que e rede viária interessa, para o assunto deste artigo, focar o papel da rede espaço e terrenos férteis para cultivar. a ela que as novas populações acabam por se fixar, desde que haja -se primordialmente através da rede viária existente. Como também (1971) chamava a este fenómeno dispersão intercalar. Naturalmente. longo das estradas. Por outro lado, a pressão populacional leva à disselhes pudessem dar comida, dormida, muda de cavalo, etc. Portanto, viária como pólo de atracção para a fixação de novas populações. Na Dentro deste quadro de correlações entre geografia, povoamento

fechada, onde os achados ocasionais são mais difíceis (Coixão, 1997, a posterior descoberta de vilas e casais, por vezes em zonas de mata Freixo de Numão. Durante a elaboração da carta arqueológica desta Muitos exemplos haverá do que acabo de dizer. Um deles veio de a reconstituição da rede viária romana deu pistas

efeitos, conjectura-se qual seria o melhor traçado, dadas as condições didos entre Emínio e Cale. Por um lado, raciocinando de causas para de reconstituir o traçado dos segmentos da estrada romana compreennando de efeitos para causas, analisa-se a distribuição geográfica dos geomorfológicas da região na época romana. Por outro lado, racioci-E com este tipo de enquadramento que se irá abordar o problema

tribuição, conjectura-se o traçado da estrada que melhor teria contricentros de povoamento intercalar mais antigos e, com base nessa disa solução para o problema emerge naturalmente destes raciocínios buído para a génese desses centros de povoamento antigo. Como se verá,

3. A evolução geomorfológica do Baixo Vouga

dos actuais (cerca do ano 1000 a.C., segundo Alveirinho Dias et al., cialmente, quando o oceano Atlântico estabilizou em níveis próximos tanto, a ria é um acidente geográfico surpreendentemente recente. Inium dos principais factores aglutinadores do distrito de Aveiro. No enum cordão de areias viria a rectificar a linha do litoral, ao mesmo tempo apresentava uma pronunciada reentrância. Avançando de norte para sul, do século X (Castelo Branco, 1971; Mendes, 1974; Ferreira, 1993, actualmente que a formação do cordão litoral se terá iniciado por volta em meados do século XVIII. A generalidade dos autores concorda que, no interior, se formava a laguna. Este processo ficou concluído 1997), a configuração do litoral entre Espinho e o Cabo Mondego p. 39-42; Brás Teixeira, 1994). A ria de Aveiro, uma laguna que se prolonga de Ovar até Mira, é

e Angeja irrompia um braço de mar, que se prolongava até próximo de além da concavidade referida, uma outra particularidade: entre Cacia mento do braço marítimo levaria ao recuo da foz do Vouga. clássicos, e, ainda, os rios Águeda e Cértima. O progressivo assorea-Fermentelos. Aí confluíam o rio Vouga, bem conhecido dos escritores A configuração original do litoral aveirense apresentava, para

pelos rios da região até à própria tectónica. romana. Para solucionar este problema há que estudar uma série de o referido braço marinho penetraria no interior durante a dominação fenómenos geomorfológicos, que vão desde o assoreamento provocado O principal problema que se coloca é o de saber até que ponto

dego, a acumulação sedimentar pode fazer subir as cotas das margens do Mondego entre os séculos XIV e XIX já foi estimado em 1 m/século vários metros em escassas centenas de anos. O ritmo de assoreamento (SEABRA LOPES, 1995, p. 336, n. 30) ou 0,8 m/século (LOUREIRO, 1874, Em rios com o caudal do Vouga, do Águeda ou do vizinho Mon-

XIII (Sousa Baptista, 1947; 1958). que há memória foi construída ao longo da segunda metade do século pode ser medido com algum rigor. A primeira ponte sobre o Vouga de trazidos pelo rio. Na zona da ponte medieval do Vouga, o assoreamento tação da ria de Aveiro se fez, em boa parte, à custa dos sedimentos Na região do Vouga, algo de similar ocorreu. A própria delimi-

apenas por ter sido construída depois da do Vouga. chamavam ponte noua por ter havido outra antes no mesmo local, ou de Marnel» (Chancelaria 1325-1336, doc. 131). Resta saber se lhe qual monte parte polla carreira que uai da Mourisca pera a ponte noua cumento de 1327: «monte maninho que eu ei en Riba de Vouga ... o Média. Encontrei recentemente a confirmação desse facto num do-No vizinho rio Marnel existiu também uma ponte desde a Idade

dada a importância da travessia do Vouga, parece-me mais provável que a ponte representada no selo seja a do Vouga. Se a imagem do selo teve alguma relação com a realidade, então o leito do rio seria estreito e fundo. velha do Marnel tem precisamente cinco arcos (Figura 6). No entanto, -se de uma ponte de cinco arcos com pilares altos no centro. A ponte Mattoso, está descrito por Lancastre e Távora (1983, n.º 333). Tratapende de um documento de 1310, tinha como figura central uma ponte (Figura 1). Este exemplar, que encontrei graças a uma sugestão de José O antigo selo da Terra de Vouga, cujo único exemplar conhecido

já não cumpria o seu papel. Com efeito, segundo Carvalho da Costa, arcos pequenos da parte norte. Em finais do século XVIII, provaconstruiu uma nova ponte, de doze arcos, que ficou concluída em 1713. em tempo de cheas se passa em barcos». Por essa época, Dom João V no início do século XVIII, a ponte do Vouga estava «tam areada, que ao alfabeto gótico final. Passado século e meio, a ponte quinhentista de canteiros que se podem observar na parte norte da ponte pertencem gundo Nogueira Gonçalves (1959, p. 24-25), as numerosas siglas dade, deve ter sido construída uma nova ponte nessa altura, pois, sede Dom João III se realizaram obras importantes nesta ponte. Na realivulto (Figura 5). extremo sul da ponte. De então para cá, não sofreu mais alterações de velmente no Verão de 1776, foram acrescentados mais três arcos no Aparentemente, da ponte quinhentista foram aproveitados apenas os Entretanto, sabe-se, por um documento de 1552, que no reinado

tram-nos o grau de assoreamento do rio na década de 1950 (reproduz-As fotografias de Nogueira Gonçalves (1959, estampa 49) mos-

notou este facto, não o referiu explicitamente. arcos da ponte medieval (Figura 6). Mantas (1996, p. 816-817), se leito do rio, estão hoje bem visíveis em seis pilares os arranques dos e regularização do leito. O certo é que, graças a esse afundamento do para a construção civil e/ou pela realização de trabalhos de dragagem 3,5 m. Suponho que tal só poderá explicar-se pela extracção de areias ponte medieval. Porém, de 1959 para cá o leito do rio desceu cerca de Gonçalves como Sousa Baptista não tenham notado vestígios da -se uma delas na Figura 2). Não admira, pois, que tanto Nogueira

mento do Vouga desde o século XIII andou próximo de 0,9 m / século, nível atingido pelo 1eito do rio em 1960. Daqui resulta que o assoreavalor equivalente ao calculado para o Mondego. dos pilares da ponte medieval estarão pelo menos uns 6 m abaixo do a base até ao arranque dos arcos, era o normal, uns 2,5 m, então as bases Assumindo que a altura dos pilares da ponte medieval, desde

não excedem os 12 m. chegar até à ponte do Vouga na época romana, pois as cotas da várzea Este ritmo de assoreamento torna verosímil a hipótese de o mar

o assoreamento médio desde o século XII terá sido pelo menos 0,4 m/ margens do Vouga nessa zona andam numa média de 3,5 m. Portanto, p. 81-87). Portanto, facilmente se imagina que o curso terminal do Vouga estaria ao nível do mar no século XII. Actualmente, as cotas das Vouga tenha sido maior porque a várzea é aí muito mais estreita. a maré sobe muitas milhas por ele acima» (tradução de D. Lopes, 1911, grande, no qual entram embarcações de comércio e galés, porque que a maré subia muitas milhas pelo Vouga acima: «o Vouga é um rio a ria de Aveiro. Por outro lado, Edrizi, também no século XII, afirmou está em perfeito acordo com o facto de não existir ainda nesta época a entrada do Vouga no mar: «secus litus maris in oceani et ostium quo sante da foz do Águeda, dispomos de dois importantes testemunhos. Vauga flumen intrat in mare» (OLIVEIRA, 1967, p. 60). Este testemunho Por um lado, dois documentos relativos a Rexico (Fermelã), um de 1182 e outro do ano seguinte, situam inequivocamente nessa zona Sobre o assoreamento ocorrido no curso terminal do Vouga, a jucompreensível que o assoreamento na zona da ponte do

construída uma nova ponte (Figura 5). Passados apenas dois séculos, construída no século XIII, como a do Vouga. No entanto, em 1614 foi este rio, que deu lugar à formação do burgo ou aldeia de Agueda, foi O rio Agueda é também muito caudaloso. A primeira ponte sobre

ponte filipina. truída alguns anos depois, ficou cerca de 3,5 m acima do tabuleiro da de uma ponte alternativa em Assequins (Teodoro de Matos, 1980, vista à construção de uma nova ponte. O tabuleiro da nova ponte, construiu uma ponte provisória em madeira e se iniciaram diligências com p. 537). Finalmente, em 1873, a ponte filipina estava «meio soterrada» especial no tempo das cheias, e colocava-se a hipótese da construção em 1835, a ponte já não satisfazia as necessidades do trânsito, em (RAMOS, 1988, p. 67) e foi considerada invadiável, pelo que se cons-

de 1,5 m, ou seja, cerca de 0,6 m / século. limite mínimo credível para o assoreamento registado desde 1614 será águas corriam normalmente ao nível dos arranques dos arcos. Um Assim, de acordo com a figura, na segunda metade do século XIX as margem e nelas roupa a secar ou corar, ao fundo de uma escadinha. A Figura 5 mostra o rio com caudal normal. Vêem-se as areias da

arcos abaixo». Em 1865-66, foi demolido o que restava da ponte de cortinas, e lhe tem feito muitos rombos, depois de lhe ter deitado os rio «de sorte que a ponte está muito baixa e as xêas lhe quebram as tempo das cheias, as águas subiam pelo Águeda acima, assoreando este do estudo, o assoreamento na zona terminal do Vouga era tal que, no quatro arcos caídos e a travessia fazia-se de barco. Segundo os autores m (este comprimento corresponde à largura da várzea). Em 1778, tinha assoreamento do rio Agueda nesta zona (Pereira & Ramos, 1778ab). setecentista sobre a barra de Aveiro e a navegação do rio Vouga dá in-Almear e construída uma nova. monumental, pois o seu comprimento total era de 3000 palmos ou 660 Esta ponte não era toda de arcos, mas nem por isso deixava de ser formações importantes sobre o estado da ponte de Almear e sobre o Almear e Eirol. Em 1377, já ali existia uma ponte (Sousa Baptista, 1959). Em 1616, foi, ao que parece, construída uma nova. Um estudo Outro tradicional ponto de passagem do rio Águeda situa-se entre

acabei de dizer: a jusante da confluência, as cotas das margens do confluência deste pequeno rio com o grande Vouga, ilustram bem o que teira do Marnel (Figura 6) foi drenada, mas as cotas do terreno, na a passagem a um afluente, cujo ritmo de assoreamento é menor. A pasubir as cotas do seu leito e das suas margens e acaba por barrar mesmo princípio: o assoreamento provocado por um rio caudaloso faz Vouga andam em torno dos 12 m; no entanto, nas margens do rio Mar-As pateiras do Marnel e de Fermentelos ambas se explicam pelo

7 m (portanto, 5 m abaixo) ¹. nel, a montante da ponte sobre este rio, as cotas chegam a ser apenas de

e Paradela era terreno seco, coberto de mata e coutado para caça. em volta do rio Cértima e compreendido entre Ois da Ribeira, Perrães Fermentelos é muito recente. Na Idade Média, grande parte do espaço tima, acabando por lhe barrar a passagem. A formação da pateira de o nível das suas margens a um ritmo superior ao do seu afluente Cércaso, o rio Agueda, quase tão caudaloso quanto o Vouga, foi subindo A formação da pateira de Fermentelos tem origem similar. Neste

se forma um grande lago» junto ao lugar de Requeixo (BAPTISTA, apresentada à Academia das Ciências em 1820 refere que «no Inverno qualquer referência a um lago ou pateira no curso final do Cértima lago permanente que hoje conhecemos. (Pereira & Ramos, 1778ab). Uma memória sobre o mesmo assunto estudo sobre a barra e navegação do Vouga também não se encontra a nenhum lago ou pateira nesta zona (Silveira, 1914). No já citado grafias e respostas a inquéritos escritas no século XVIII não aludem cheio e se não pode passar...». Significativamente, as numerosas coromitia a passagem, excepto quando estava cheio: «quando o paul está 1829), sinal de que não existia ou era de formação recente o grande fenómeno temporário, pois, segundo o S*antuário Mariano*, o paul perriano volta a referir a existência do paul (Santa Maria, 1721, p. 453--457). A presença de grandes quantidades de água era ainda um feitas de barco (Morais, 1922). Poucos anos depois, o Santuário Ma-Em 1672, estando a mata «apaulada», certas medições tiveram que ser que *paul* significa principalmente brejo, terra encharcada ou alagadiça. Em finais do século XV, já ali existia um paul. Note-se, porém,

relativamente recentes mantiveram-se na posse de particulares. rência à pateira, sendo as dimensões indicadas próximas das actuais (UM FLAVIENSE, 1839). Os terrenos cobertos pelas águas em épocas (Pato, 1919, p. 12). princípio do século XX, 1/3 de toda a pateira era propriedade particular Finalmente, passadas mais duas décadas, surge a primeira refe-

do relevo se encontrasse a profundidades compreendidas entre 1 e 1,6 m (mês de Março) de 2,6 m (Pato, 1919, p. 11 e 27), embora a maior parte A profundidade máxima da pateira de Fermentelos era em 1919

Águeda. Alternativamente, ver o mapa publicado em SEABRA LOPES, 1995, figura 1. Ver a carta de 1:10000 desta zona, fornecida pela Câmara Municipal de

dego e na ponte do Vouga. Esse ritmo poderá mesmo ter sido superior, de 0,4 m / século, pouco menos de metade do que se registou no Monpois o próprio fundo da pateira se foi elevando (idem, p. 22, n. 1). podemos supor que a várzea do rio Agueda se elevou a um ritmo próximo mação da pateira se desenrolou essencialmente a partir do século XVI, (idem, mapa anexo). Como, ao que tudo indica, o processo de for-

Tabela I – Ritmos de assoreamento no rios Mondego, Vouga e Águeda

Rio e local	Ritmo de assoreamento
	(metros / século)
Mondego – de Coimbra até à foz	0,8 a 1,0
Vouga – zona da ponte medieval	0,9
Vouga – a jusante da foz do Águeda	> 0,4
Águeda – zona da ponte da cidade de Águeda	> 0,6
Águeda – zona da foz do Cértima	0,4

tão facilmente se aceitará que, na época romana, parte da várzea do Águeda possa ter estado ao nível do mar ou, pelo menos, sujeita à acção de assoreamento também aqui se aproximou de 0,4 a 0,6 m / século, enjunto a Assequins, dando uma média de 8 m. Admitindo que o ritmo da Ribeira, povoação sobranceira ao antigo braço marinho, e os 11 m As cotas da várzea do Águeda variam entre os 5 m junto a Óis

assoreamento nos principais rios da região nos últimos 1000 anos. acima calculados. Que eu saiba, esta é a primeira tentativa de medir o A Tabela I apresenta um sumário dos ritmos de assoreamento

aparecido em zonas próximas da pateira. É claro que parte disto poderá exemplo, que sondagens realizadas por P. Choffat nos aluviões de Macinhata, já a montante do Marnel, permitiram encontrar restos de outros autores, entre os quais Amorim Girão. Este autor refere, por Fermentelos na época romana já foi admitida ou mesmo defendida por explicar-se pela presença do mar numa época interglaciar em que lavada (Mota, 1991, p. 137). Conchas marinhas e búzios têm ainda moliço na pateira de Fermentelos, surgem conchas marinhas e areia peixes e moluscos marinhos do Quaternário tardio (Amorim Girão, 1922, p. 55). Parece também que, muitas vezes, quando se arranca A hipótese da presença do mar nas proximidades do Marnel e de

que é o que mais importa para este artigo. clusão pode tirar-se quanto à posição relativa do mar na época romana, o nível do mar tenha sido superior ao actual. Nesse caso, nenhuma con-

nação dos terraços dós vales do Minho, Lima e Vouga. não foi abandonada, é especialmente sugerida por uma anormal incli-& Daveau, 1987, p. 144-145, 161, 207-208). Tal hipótese, que ainda nário, arrastando consigo o noroeste de Portugal (RIBEIRO, LAUTENSACH minação Ibérica Principal teria vindo a empolar-se ao longo do Quatertensach colocou, em tempos, a hipótese de que o chamado Eixo de Culque a crosta terrestre tenha estado imóvel. O geólogo alemão Lauvolta de 1000 a.C. (ALVEIRINHO DIAS, 1987). Nada nos garante, porém, na costa portuguesa estabilizou em níveis próximos dos actuais por Depois de subir cerca de 120 m desde a última glaciação, o mar

esta região estaria 5 m mais abaixo. no Baixo Vouga foi similar ao de Cortegaça, então, na época romana, longado até ao presente. Se, por hipótese, o ritmo de elevação tectónica este facto mostra que fenómenos de elevação tectónica têm-se pro-Marnel, à várzea do Águeda ou à pateira de Fermentelos. No entanto, tectónica média de 0,25 m/século ao longo dos últimos 6000 anos do distrito de Aveiro, revelou que nessa zona se registou uma elevação (Granja & De Groor, 1996). Obviamente, isto não é generalizável ao O estudo recente de uma arriba em Cortegaça, no extremo norte

fológica da região, muitos factos históricos deixam de fazer sentido. gica que acabei de reconstituir. Caso tenha sido outra a evolução geomorpovoamento do Baixo Vouga reflecte também a evolução geomorfolóacima. No resto do artigo ver-se-á que a evolução da rede viária e do XII), já citada, segundo a qual o mar subia muitas milhas pelo Vouga também particular consistência à afirmação categórica de Edrizi (séc Marnel estivessem sob influência marinha. Os elementos recolhidos dão na época romana, a várzea do Agueda e as zonas de Fermentelos e do da Terra. No entanto, do que fiça dito resulta no mínimo verosímil que, cussão que carece ainda de muita investigação no domínio das Ciências O que foi apresentado são apenas alguns elementos para uma dis-

A estrada romana e alguns itinerários alternativos

sem dúvida, o que ficava compreendido entre Emínio e Talábriga. Tal O segmento mais controverso da estrada romana Emínio-Cale é,

traçado será pormenorizadamente apresentado na secção 9. do traçado da estrada Emínio-Cale que considero mais provável. Esse ligação de Coimbra ao Marnel. Finalmente, darei uma breve descrição cestrais. Depois apresentarei sucintamente os itinerários medievais de gráficas, a que poderemos chamar itinerários naturais ou itinerários an-Começarei por investigar os itinerários sugeridos pelas condições geofacto fica a dever-se à complexidade da rede hidrográfica da região.

vantagem nas imediações do Marnel. lhes oferecia grande obstáculo. O Vouga cruzava-se com máxima a montante desse ponto. Encontravam depois o rio Cértima que não facilmente no local onde se desenvolveu a cidade de Emínio, ou peninsular, pela faixa litoral, tinham nos rios o principal obstáculo vencer. Encontravam primeiro o Mondego que só poderiam passar Os velhos Lusitanos, quando viajavam em direcção ao Noroeste

si justificaria a presença do mar em grande parte da várzea do Agueda. não entre o Sardão e do Águeda foi um problema difícil de resolver até épocas bem recentes menos 0,4 m / século, segundo os cálculos que apresentei). A travessia a favor dessa hipótese o elevado ritmo de assoreamento do rio (pelo Mas mesmo se considerarmos que a crosta esteve estável, temos ainda bastante mais baixa na época romana. Esse facto, a confirmar-se, só por razões ligadas à tectónica, é possível que toda esta região estivesse semana a desaparecer, deixando os viajantes bloqueados ou obrigandoas cheias que invadiam a várzea, as quais, por vezes, demoravam uma e Assequins (Teodoro de Matos, 1980, p. 537). O objectivo era evitar Em 1835, estudava-se a possibilidade de construir uma nova ponte, os a passar em barcos. a várzea do Águeda seria fácil de passar? Como referi, por a vila de Agueda, mas sim entre a Borralha

travessia em Ois ou em Assequins, que são os pontos mais favoráveis. resulta que os viajantes se afastavam do centro da várzea e faziam a confirmar, parece-me verosímil supor que a travessia do Agueda, onde hoje passa a estrada nacional, terá sido difícil, na época romana. Daqui Assım, sem entrar em mais conjecturas, por agora difíceis de

ferência os vales enquanto as do litoral os evitam quanto possível» e o estado de conservação das estradas: as do interior seguem de pregráficas que duas leis gerais se podem estabelecer sobre a distribuição GIRÃO (1922, p. Esta ideia é, aliás, apoiada pela seguinte observação de AMORIM 130): «E tão sensível a acção das influências geo-

o viajante se afastasse do curso do Cértima, mais facilmente cruzaria os afluentes. de Ventosa, de Horta e de São Lourenço) e depois cruzaria o próprio Cértima entre Sangalhos e Barrô. Em qualquer dos casos, quanto mais do Cértima, teria que cruzar apenas três pequenos afluentes (os ribeiros rio de Aguada. Se o viajante optasse por seguir pela margem esquerda e, depois, uma série de afluentes: o ribeiro da Vacariça, o ribeiro do Peneireiro, o rio de Arcos, o rio de Avelãs, o ribeiro de Aguadela e o margem direita, teria que cruzar o próprio Cértima na zona de Viadores 1914). Se o viajante, indo de sul para norte, preferisse seguir pela mas, ainda assim, apresenta um série de pequenos obstáculos (Silveira, O vale do Cértima não constitui um grande obstáculo ao trânsito,

a Coimbra, e a passagem do Vouga, junto ao Marnel: dois tipos de itinerários de ligação entre a passagem do Mondego, junto Assim, a rede hidrográfica do Baixo Vouga define essencialmente

- Itinerário ocidental o viajante seguia pela margem esquerda Travassô e Segadães até ao Marnel. no extremo ocidental da sua várzea, e finalmente seguia por por Paradela, Espinhel e Óis da Ribeira, onde cruzava o Agueda lhos, cruzava o rio Cértima na direcção de Barrô, continuava do Cértima, por Vimieira, Ventosa, Hórta, Mogofores e Sanga-
- Itinerário interior em direcção a Assequis, e depois continuava por Aguieira, direita do Cértima, passando sucessivamente pela Mealhada, Valongo e Fundo da Rua até alcançar o Marnel. Aguim, Anadia, Aguada de Cima e Borralha, cruzava o rio Águeda neste caso, o viajante seguia pela margem

ções 5-7). de povoamento antigo ao longo da actual estrada nacional (ver secdo seu traçado, em contraste flagrante com a quase total ausência é confirmada pela grande concentração de povoamento antigo ao longo os itinerários ancestrais da região. A antiguidade destes itinerários rem estes os itinerários de facto utilizados. Por isso também lhes chamo Quando mais se recua no tempo, maior é a probabilidade de se-

directriz mais rectilínea e porcionar o surgimento de dois novos itinerários, que seguiam uma Reconquista Cristã: O progressivo assoreamento da várzea do Águeda viria a prose documentam a partir do período da

- estrada mourisca dental até Barrô e, a partir deste ponto, seguia directamente para frente a Paredes. Recardães e cruzava o rio Agueda no centro da sua várzea, em decalcava o acima referido itinerário oci-
- estrada coimbrã nacional N1; passava por Carquejo, Mealhada, Avelãs do Caminho, Aguada de Baixo e Agueda. quase coincidente com a moderna estrada

conta a toponímia e os vestígios materiais, procurei identificar o trareferências medievais a estradas entre Coimbra e Porto e, tendo em Lopes, 1994b), fiz uma inventariação relativamente exaustiva das coimbrã. çado da estrada mourisca bem como o traçado da mais recente estrada Num dos meus primeiros trabalhos sobre estes assuntos (SEABRA

das com orientação este-oeste não poderiam receber esta designação. rida estrada havia sido construída pelos Mouros. Penso que chamavam culos XIII e XVII. a Coimbra. Esta designação parece que foi a mais comum entre os sé-Reino, a estrada passou a chamar-se estrada coimbrã, porque levava Com o progresso da Reconquista e a elevação de Coimbra a capital do mourisca designava sempre uma estrada que se dirigia para sul. Estraintegrada no domínio cristão em 1064. Portanto, a expressão estrada Convém lembrar que a cidade de Coimbra só foi definitivamente mourisca à estrada simplesmente porque levava à terra dos Mouros gado bastante os investigadores, levando alguns a concluir que a refe-Reconquista Cristã, a estrada de ligação do Porto a Coimbra, tem intri-A expressão estrada mourisca, que designava, no período da

sido notado pelos investigadores. acabam por designar traçados bastante diferentes. Este facto não tem sava na margem esquerda do Cértima, muda para a margem direita. se preparava para entrar em cena, o próprio traçado da estrada, que pas-Assim, nesta região as expressões estrada mourisca e estrada coimbrã Curiosamente, em finais do século XII, quando o novo nome

do que por vezes se pensa. Sabemos que, em pleno período da Reponte de Coimbra em 1132, a qual só veio a concluir-se em finais do Zacarias, oriundo de Córdova, a construção de várias pontes (Nogueira conquista Cristã, no século X, o mosteiro de Lorvão confiou ao mestre Gonçalves, 1967). Dom Afonso Henriques iniciou a construção da O investimento na rede viária durante a Idade Média foi bem maior

século XIII. Pela mesma época estavam a ser concluídas as pontes do Vouga e do Águeda (Sousa Baptista, 1947; 1958).

à transferência do paço real de Figueiredo para o lugar do Curval. rência da sede do julgado de Figueiredo para a Bemposta bem como certamente em relação à estrada (outra Bemposta surgiu junto à estrada Coimbra-Aveiro). Esta alteração do traçado da estrada levou à transfeindicar que a nova povoação estava bem posta ou bem localizada, terá ocorrido por meados do século XIII. O próprio topónimo parece tenha ficado a dever à alteração do traçado da estrada, que, nesse caso, antes pelo almoxarife. É natural que a criação desta nova povoação se o nascimento de uma nova povoação, a Bemposta, criada pouco tempo no mesmo alinhamento, apareceu um miliário. Em 1284, documenta-se seu traçado, a estrada mourisca devia decalcar a romana, pois, em Ul, onde existia um paço de pernoita da família real. Neste segmento do todavia, um exemplo que não deve suscitar dúvidas (SEABRA LOPES, normalmente, mais difícil de documentar. Entre Coimbra e Porto há, 1994b, p. 87). Em 1220, a estrada mourisca passava por Figueiredo, A construção de novas estradas ou de traçados alternativos é

uma povoação da margem ocidental do Cértima. bra até ao século XII: strada de Viminaria (DC 106; DC 741; LP 40; ocidental do Cértima é a designação que lhe era dada na zona de Coimprimeira indicação sobre a passagem da estrada mourisca na margem e Coimbra, vários são os documentos que a indicam claramente. Uma LP 174; SEABRA LOPES, 1994b, p. 102-103). De facto, a Vimieira é já Quanto à alteração do traçado da estrada mourisca entre o Marnel

um sobreiro (suber forcatum²) e seguia pela estrada mourisca Mateus, descia a ribeira de Valbom (uertit aquam), passava perto de Lanteiro (fontem de Lodeiro), que ainda existe junto ao lugar de São tava com Mogofores e com Sá por uma linha que partia da fonte de cam ... » (DR 201). Significa este passo que, a oriente, Ancas confronaquam, per illud suber forcatum et inde per illam stratam mauris-Mogofores et cum Saa, per unum fontem de Lodeiro, quomodo uertit de Mogofores, que começa assim: «In oriente, quomodo diuidit cum deles, de 1143, contém a demarcação de Ancas, vila situada a ocidente mente analisei no artigo de 1994, são particularmente elucidativos. Um Dois documentos relativos à zona de Mogofores, que já miuda-

No artigo de 1994, interpretei a expressão forcatum como significando 'cruza-'bifurcação'. Suber forcatum seria, pois, um cruzamento da estrada mourisca

na margem esquerda do Cértima e servia de fronteira entre as vilas de haver dúvida é que, em pleno século XII, a estrada mourisca passava Paraimo e a Sá, passando pelo sítio da Fonte Podre, parece corres-Ancas, de um lado, e Mogofores e Sá, do outro. ponder à estrada mourisca que o documento refere. Do que não pode O caminho que actualmente liga o Cabeço de Mogofores ao

estrada mourisca na zona de fronteira entre Ancas e Mogofores, encacumento de Ancas sem, no entanto, dar qualquer interpretação para seria ainda muito difícil. Sousa Baptista (1948) referiu-se ao doo Porto e Coimbra na Idade Média (SEABRA LOPES, 1994b, p. 97-100). contraria tudo o que se sabe sobre a directriz da estrada de ligação entre minhou o seu traçado em direcção a São João de Loure, hipótese que deduz-se precisamente o contrário: a estrada passava a ocidente de que a estrada passava entre Mogofores e Famalicão. Ora, do documento Mantas (1996, p. 811) utiliza o documento para apoiar a sua ideia de a passagem da estrada mourisca na margem esquerda do Cértima. De resto, no século XII, a travessia do Vouga em São João de Loure Mogofores, entre Mogofores e Ancas. SAA (1960, p. 174-191), embora localizando correctamente a

de Mogofores com Ancas, Sá e Sangalhos e não longe da Fonte Podre 3. documento refere uma estrada velha algures na zona de confrontação do Cértima e a servir de fronteira entre Mogofores e Arcos. O mesmo alteração do traçado da estrada. Podre. Entre 1143 e 1226 teria, pois, sido realizada uma importante de 1143 chamava estrada mourisca, a qual também passava na Fonte Sem dúvida, esta estrada velha só pode ser aquela a que o documento fores. Nele se localiza claramente a estrada coimbrã, na margem direita No outro documento, do ano de 1226, demarca-se a vila de Mogo-

do documento de 1226. Num outro passo (p. 901), o autor baseia-se nos velha em Famalicão, que é coisa que de forma alguma se pode deduzir Mais uma vez, Mantas (1996, p. 811) faz passar esta estrada

forcatum deve ser traduzido como 'sobreiro forcado', seja lá o que isso for com uma outra via, actualmente chamada caminho da igreja. Parece, todavia, que suber

nuando o circuito da demarcação, o documento refere sucessivamente a Cortiçada quomodo dividit cum Sá et cum Sangalios, et deinde quomodo vadit ad mamoam de valem ad infestam ad estratam veteram sub mamoa de escusa ad sumitatem de Valonga Famalicão, Arcos, estrada coimbrã, Canavai e Outeiro. Valle de Estephano sub mamoa de Fonte Putre» (RODRIGUES, 1959, p. 187). Conti-«per medium de Barrio de Alvito sub portela de Encas quomodo vadit per

dá dessa hipotética via o mais leve indício. existência de uma via romana de ligação da zona de Mogofores a Cacia. A verdade é que a distribuição do povoamento antigo desta região não mesmos documentos de Ancas e Mogofores para apoiar a hipótese da

mente em Mogofores e em Ventosa. cipal alinhamento de povoamento antigo desta região passa precisae depois também como estrada velha. Como se verá na secção 7, o prinpassava em Mogofores e tinha sido conhecida como estrada mourisca Carvalho, 1950). Esta estrada velha coimbrã deve ser a mesma que hu se junta a agoa de Ventoza com na de Certoma ...» (Branquinho de bram, e da outra parte como parte pela agoa de Certoma, e vai athe Mealhada Má, e da outra parte como parte pela estrada velha coimmarcação de umas propriedades em Ventosa do Bairro, realizada em se dirigia a Coimbra pela margem ocidental do Cértima. Trata-se da de-1288: «... uns herdamentos que jazem como parte de huma parte pela Há ainda outra referência importante a uma estrada velha que

do seu traçado. evidencia-se pela quase total ausência de povoamento antigo ao longo O carácter secundário, até ao século XII, da estrada da margem direita importância da estrada da margem esquerda no século XII evidencia--se pela adjectivação de estrada velha que lhe é dada no século XIII. coimbrã. No entanto, seriam ainda estradas secundárias. A maior referem a existência de estradas cujo traçado coincide com o da estrada anteriores ao século XIII (só conheço três: DC 73; DP/III 17; DR 179) gem direita do Cértima não foi, no entanto, criado de raiz. Documentos O traçado da estrada coimbrã entre o Marnel e Coimbra pela mar-

teu para a obscuridade povoações com bem mais preclaras origens. uma série de povoações novas, muitas delas hoje dominantes, e remeuma linearização do itinerário ocidental. A estrada coimbrã fez emergir ocidental era o mais utilizado na época romana. A estrada mourisca é da romanização (ver secções 5-7). Estou convencido de que o itinerário mais pergaminhos históricos bem como a maior densidade de vestígios o traçado do itinerário ocidental que se encontram as povoações com povoações mais antigas da região. No entanto, é, em especial, sobre ocidental, são antiquíssimos. Ao longo do seu traçado se encontram as Marnel. Dois deles, que designei por intinerário interior e itinerário Identificam-se, pois, quatro grandes itinerários entre Coimbra e o

romana que me parece mais provável. Por agora, apresento-o apenas nas Na secção 9 apresentarei em mais pormenor o traçado da estrada

o Vouga provavelmente no local da ponte medieval, continuaria depois do Marnel, que é a minha referência de Talábriga, o itinerário seguido atingia a Vimieira, na margem ocidental do Cértima. Daqui até à ponte como referência de Emínio. Passando sucessivamente por Pedrulha, travessia do Douro é a referência que adopto para Cale. seria o itinerário ocidental acima descrito. Para norte, a estrada cruzaria suas linhas gerais. O ponto de partida é a ponte de Coimbra, que tomo e Carvalhos, alcançando finalmente Vila Nova de Gaia. O local da João da Madeira, Arrifana, Fiães (= Lancóbriga), Serzedelo, Argoncilhe por Assilhó, Figueiredo, Ul, Oliveira de Azeméis, Lações de Baixo, São Adémia, Cioga, Treixomil, Sargento Mor e Carquejo, a estrada romana

coimbrã como sendo a própria estrada romana, à parte pequenos desvios que pudessem ter ocorrido (Oliveira, 1943; Nogueira Gonçalves, 1959; 1967; 1981; Castro, 1987; Mantas, 1996). Até aqui, a maior parte dos autores tem considerado a estrada

outra estrada, denominada estrada romana da Feira, a qual seguia pela outra estrada que ligava a Beira a Aveiro, passando por Avelãs do estrada da Feira na parte compreendida entre Coimbra e Mogofores margem direita do Cértima e cruzava o Vouga em São João de Loure por Saa (1960, p. 107-110). Aliás, o itinerário interior a que me referi a contornava pelo interior e outro mais pelo litoral já foi apresentada à circulação e daria origem a dois itinerários alternativos, um que Caminho (SEABRA LOPES, 1994b, p. 97-100). parte dos vestígios em que o autor se apoiou devem pertencer a uma ce-me completamente inverosímil na época romana. De resto, a maior mento de uma estrada com o Vouga na área de São João de Loure pare-Dadas as condições geográficas da região até à Idade Média, o cruza-(SAA, 1960, p. 174-191). O meu itinerário ocidental é parecido com esta Como variante ocidental da estrada do cosmógrafo, o autor propôs uma leste ou estrada do cosmógrafo, proposta por SAA (1960, p. 110-124). acima coincide em grande parte com a chamada estrada romana de A ideia de que a rede hidrográfica da região colocaria problemas

de Agueda que também diverge do traçado da estrada coimbrã. O autor a parte da estrada romana compreendida nos limites do actual concelho Barrô, Recardães, Paredes, Crastovães, Covelas e Lamas, cruzando para norte a estrada seguiria por Avelãs do Caminho, Aguada de Baixo, foi o primeiro a admitir a passagem da estrada em Mogofores. Daqui Vouga aproximadamente no local da ponte medieval. Num artigo Sousa Baptista (1948) apresentou uma proposta de traçado para

propostas feitas um bocado no ar, pouco passando de sugestões. relacionar o traçado proposto com as condições geográficas. São, pois, deu ao trabalho de medir as distâncias, de estudar o povoamento ou de reproduz as propostas de Sousa Baptista. Nenhum destes autores se a estradas e, além disso, a toponímia. Laderra (1982, I, p. 153 e 258) Sousa Baptista é o levantamento que fez das referências medievais entre Barrô e Recardães (Sousa Baptista, 1958). A base principal de posterior, o autor chegou a admitir o desvio da estrada por Paradela,

está em Paradela, o ponto natural de travessia do Águeda é em Ois. sentido faria o desvio para poente até Paradela, para depois voltar a desviá-la para nascente em direcção a Recardães. Na verdade, para quem passando a estrada em Barrô, como sugeriu Sousa Baptista, se faria normalmente em Óis da Ribeira e não em Recardães. De resto, Mogofores e Avelãs; além disso, eu defendo que a travessia do Agueda continuar de Mogofores até Sangalhos, só aí se fazendo a travessia do Cértima, enquanto Sousa Baptista sugere a travessia do Cértima entre proponho. As diferenças principais são duas: eu faço a estrada romana defendido por Ladeira tem algumas semelhanças com o traçado que Em todo o caso, o traçado proposto por Sousa Baptista e também pouco

existentes. As distâncias foram medidas ao longo desses caminhos. foram reconstituídos, sempre que possível, com base nos caminhos real de 1905, cujos traçados são bem conhecidos, os outros itinerários região à escala 1:25000. Excepção feita à estrada coimbrã e à estrada tantes distâncias itinerárias foram medidas sobre cartas militares da entre Talábriga e Cale por vários itinerários. A distância entre Talábriga Portugal, edição de 1905 (SEABRA LOPES, 1995, p. 334, n. 17). As rese Cale pelo traçado da estrada real foi obtido da Carta Itinerária de A tabela II apresenta as distâncias entre Emínio e Talábriga e

a distância em linha recta, a taxa de encurvamento vem a ser (78,3distância Coimbra-Gaia pela antiga estrada real, e sendo de 70,5 milhas distância em linha recta. Assim, por exemplo, sendo de 78,3 milhas a a distância itinerária e a distância em linha recta em proporção da a taxa de encurvamento relativa a um certo itinerário é a diferença entre pondentes a cada itinerário. A noção de encurvamento foi por mim întroduzida em publicações anteriores (SEABRA LOPES, 1996c; 1997ab): $-70,5)/70,5 \approx 11,1\%$. A tabela II apresenta ainda as taxas de encurvamento corres-

Dos quatro itinerários alternativos que considerei para a ligação Emínio e Talábriga, aquele que julgo ter sido preferido pelos

dos três rios manteve-se como principal foco de povoamento da região sempre uma boa alternativa, pois também evitava o centro da várzea do itinerário ocidental se arredonda para as 40 milhas que o Itinerário de até à Alta Idade Média. Certo é que a distância Emínio-Talábriga pelo o contacto directo com as rotas marítimas. Esta zona de confluência rinho que, até época recente, atingia a zona de confluência dos rios litoral. Mais precisamente, o itinerário ocidental tocava o braço marário ocidental tinha a importante vantagem de tocar a linha do antigo Agueda e tinha já um encurvamento mais aceitável. Todavia, o itineportanto, o de maior encurvamento 4. Romanos, pelas razões já apontadas, é precisamente o mais longo e Antonino indica. Vouga, Águeda e Cértima. Portanto, o itinerário ocidental permitiria O itinerário interior terá sido

TABELA II — Distâncias pelos itinerários considerados e encurvamentos correspondentes

Estrada ou itinerário	Distância por	Encurvamento
	estrada (em milhas)	(%)
Emínio-Talábriga (31,8 milhas em linha recta)		
Itinerário ocidental ou romano	39,6	24,5
Estrada mourisca	37,0	16,4
Itinerário interior	36,5	14,8
Estrada coimbrã	34,5	8,5
Talábriga-Cale (38,5 milhas em linha recta)		
Estrada romana	42,9	11,5
Estrada real em 1905	43,1	12,0

especial, a Olisipo. Foi, aliás, seguindo este velho itinerário que Plínio na foz deste rio, junto a Cale. Em seguida, à medida que ia atravessando descreveu o litoral da Lusitânia. A estrada cruzava o rio Douro quase antiga estrada de ligação do Noroeste peninsular à foz do Tejo e, em os territórios dos Túrdulos Velhos e dos Pesures, a estrada desviava-se A preferência pelo litoral está bem patente no traçado da mais

linha recta), tem um encurvamento normal (16,9%). compreendida entre Coimbra e Travassô (34,5 milhas pelo itinerário e 29,5 milhas em pela travessia do Águeda entre Óis da Ribeira e Travassô. A parte maior do trajecto, A grande taxa de encurvamento deste itinerário deve-se ao desvio imposto

do Freixo (Batalha), Óbidos e Torres Vedras até Lisboa (Mantas, 1996, p. 691-721 e 853-875). bra, então chamada Emínio. Daqui para sul, a estrada voltava a apro-ximar-se do litoral, seguindo por Condeixa-a-Velha, São Sebastião oceano. A estrada continuava, pois, pelo interior até à moderna Coima sul, outro rio importante, o Mondego, impedia a aproximação ao ferido o de Óis da Ribeira, que ficava junto ao braço marinho. Logo dois melhores pontos de passagem do Agueda seria geralmente prepassagem, na zona do Marnel. Aqui ficaya Talábriga. Em seguida, dos para o interior por forma a atingir o Vouga no seu melhor ponto de

entre Douro e Mondego. Coimbra-Porto e a evolução da estrutura do povoamento da região de cessivas alterações de traçado da estrada de ligação Emíno-Cale Nas três secções seguintes investigarei as relações entre as su-

Vestígios da rede viária na estrutura do povoamento antigo da região do Vouga

topográfico das cavalarias e das igrejas existentes nesta região por pais itinerários desta região. Na Figura 7, apresenta-se um esboço das igrejas e das cavalarias da terra de Vouga para inferir os princi-No que se segue, basear-me-ei exclusivamente nas listas medievais itinerários previamente seleccionados e referidas até ao século XII. 6 farei a inventariação das povoações parte significativa da qual ainda nem sequer está publicada. Na secção ção envolveria a consulta de uma enorme massa de documentação, as vias principais das vias secundárias. No entanto, uma tal inventariatiria, por exemplo, distinguir, através da concentração do povoamento, existia antes da criação da estrada mourisca. Essa inventariação permi-XII, certamente nos daria uma espécie de radiografia da rede viária que referenciadas na documentação mais antiga, por exemplo até ao século cações claras sobre a rede viária. A inventariação de todas as povoações O estudo da distribuição do povoamento antigo dá também indisituadas ao longo de certos

expedições cavalo, escudo e lança. Os possuidores das cavalarias eram, pelo território muçulmano. O cavaleiro levava à sua custa para estas a obrigação de participar nos saques que anualmente se empreendiam As cavalarias eram casais que conferiam aos seus possuidores

da terra de Vouga onde se localizavam cavalarias em finais do século pois, indicações importantes sobre o povoamento antigo. As povoações rural e, em particular, das famílias mais antigas de cada terra ou região. no mínimo, cavaleiros vilões, portanto membros da elite do mundo século XI. O estudo da distribuição geográfica das cavalarias dá-nos. Sousa Baptista (1959) situa a origem destes casais de cavalaria no círculos. O diâmetro de cada círculo é proporcional ao número de cava-XIII⁵ estão assinaladas no esboço topográfico da Figura 7 através de larias existentes.

Pelo número de cavalarias existentes junto aos pontos de travessia já podemos suspeitar qual ou quais seriam os itinerários preferidos. pinhel, Ois e Segadães), estrada mourisca (7 cavalarias em Recardães estão claramente marcados: itinerário ocidental (11,5 cavalarias em Eslarias em Espinhel. Os três mais antigos pontos de travessia do Agueda regista o maior número de cavalarias numa mesma povoação: 7,5 cavaribeira do Águeda, sobretudo na sua metade ocidental. É aqui que se e Casainho) e itinerário interior (4 cavalarias em Borralha e Assequins). A aristocracia da região estava particularmente concentrada na

número de moradores da paróquia a que presidia. Assim, a distribuição igreja. O rendimento de uma igreja, como é sabido, era proporcional ao por um quadrado cujo tamanho é proporcional ao rendimento dessa publicado por Fortunato de Almeida (1971). Cada igreja é assinalada tentes na região do Vouga em 1320, segundo um catálogo dessa época No esboço da Figura 7 estão também assinaladas as igrejas exis-

menciona as cavalarias existentes (SILVEIRA, 1943). Dispomos ainda do chamado rol conta a existência de algumas falhas na enumeração de cavalarias que nele se apresenta se esta data se deverá entender como era de César ou como ano de Cristo. Sousa datado, mas em que alguém muito posteriormente anotou a data de 1328. Não é claro das cavalarias do Vouga (ROCHA MADAHIL, 1942), um documento originalmente não indicado seja diferente; para 5 povoações, apenas a inquirição de 1282 menciona as das duas inquirições, documenta-se a existência de cavalarias em 39 povoações. Destas, (p. 185)). A inquirição de 1282 e o rol são razoavelmente concordantes. No conjunto César e portanto do ano de 1290 (quem utilizar o trabalho deste autor deverá ter em BAPTISTA (1950b) defende, embora com um argumento fraco, que se trataria da era de 39 povoações. O diâmetro do círculo que assinala cada uma é proporcional ao número cavalarias; para 9 outras povoações, apenas o rol o faz. Na Figura 5 marquei todas as 25 são referidas em ambos os documentos, embora para 6 delas o número de cavalarias de cavalarias indicado na inquirição de 1282 ou, sendo esta omissa, no rol. Uma inquirição sobre direitos régios realizada na terra de Vouga em 1282

importantíssimos sobre a estrutura do povoamento antigo. geográfica das igrejas medievais e os seus rendimentos são indicadores

João da Madeira (DC 704). caso das igrejas de Santiago de Riba-UI (DC 25), Antes (DC 444) e São assim, referenciadas em documentos anteriores ao século XIII. Tal é o não aparecem nem no rol nem nas inquirições de 1220, estão, num rol de igrejas datável de 1209-12296 e nas inquirições de Dom Afonso II de 12207. Outras, que aparecem no catálogo de 1320, mas Igrejas mencionadas no citado catálogo de 1320 já apareceram também quias criadas em regiões de povoamento antigo. A maior parte das à fundação da nacionalidade. Até ao século XIX poucas foram as parótradicionalmente conservadora, a rede de igrejas reflecte uma conjuntura, em termos geográficos e de vias de comunicação, muito anterior E importante notar que, sendo a Igreja Católica uma instituição

que Óis, com os seus 28 casais, era o maior aglomerado populacional particularmente visível através dos elevados rendimentos das igrejas. antigo, também apresentava já um razoável grau de desenvolvimento. da região. O eixo Ouca-Aveiro-Cacia, que acompanha a linha do litoral desde logo, que por ali passaria a estrada Coimbra-Porto, tanto mais Ribeira se encontrar no centro do principal foco de povoamento sugere, Ribeira, que em 1220 era sede de um grande julgado. O facto de Óis da toda esta região, a civitas Marnel, e, mesmo no centro, a vila de Ois da o Vouga, o Águeda e o Cértima. Aqui encontramos a capital tradicional de precisamente na zona de confluência dos três maiores rios da região, na fixação do povoamento. O principal foco de povoamento situava-se a rede hidrográfica e a linha do litoral foram dois factores importantes O esboço da Figura 7 é bastante elucidativo. Por ele se vê que

fosse apenas a proximidade do rio, a densidade do povoamento seria que a rede hidrográfica não justifica totalmente a estrutura do povoamento. Veja-se o caso do vale do Cértima. Em princípio, se o critério Entretanto, quem olhar mais atentamente para o esboço, logo verá

MATTOSO (et al. 1993, doc. 9, p. 109-111). cada em Milenário, doc. 29, p. 44-50. A região a norte desse rio foi publicada por ⁶ A região a sul do rio Antuã, pertencente ao Bispado de Coimbra, está publi-

nesse território (MATTOSO et al., 1993, doc. 7, p. 105-107). Santa Maria. No entanto, do mesmo ano existem umas inquirições sobre bens religiosos em Milenário, doc. 33, p. 56-66. Estas inquirições não chegaram a abranger a Terra de A parte das inquirições de 1220 referente ao distrito de Aveiro está publicada

ocidental do Cértima, cruzando este rio entre Sangalhos e Barrô e o principal afluente, o rio Levița. Aquilo que acabei de referir sugere que é nesta zona e pela margem esquerda que o Cértima acolhe o seu reita passa a ser bastante denso. Isto é tanto mais para estranhar quanto margem esquerda do Cértima é quase nulo, enquanto o da margem diesboço da Figura 7 se vê que, a norte de Sangalhos, o povoamento na denso, similar ao que se regista na ribeira do Agueda. No entanto, pelo os férteis campos da ribeira do Cértima justificariam um povoamento gem que encontramos maior densidade de povoamento. Mais a norte, de Arcos, Avelãs e Aguada. No entanto, é precisamente na outra marmargem oriental, pois por ela correm três importantes afluentes, os rios do Cértima seria até de esperar uma maior densidade de povoamento na igual em ambas as margens. Na zona propriamente bairradina do vale o itinerário mais antigo da região seguia inicialmente pela margem a que me referi acima. Águeda em Óis da Ribeira. Este é precisamente o itinerário ocidental

dental do Cértima, onde se detectam dois alinhamentos muito nítidos recurso à rede viária. Isto é particularmente evidente na margem ociapresenta certos alinhamentos que dificilmente se poderão explicar sem ladas no esboço. Na verdade, a distribuição geográfica das povoações Verdadeiramente sugestiva é a posição relativa dos pontos assina-

dois documentos medievais, um de Ilhavo de 1095 (LP 302) e outro de Murtede de 1119 (LP 100). A este antigo itinerário deveremos ainda povoações, cada uma delas com a sua igreja: Murtede, Sepins, Bolho em 1192 e entregues à Ordem de Santa Maria de Rocamador, e um ouassociar a albergaria e hospital de Sôza, fundados por Dom Sancho l minho aparece referido como via coimbrã («viam colimbrianam») em passaria por Bustos, Ouca, Sôza, Ilhavo, Verdemilho e Aveiro. Este caperto o contorno da bacia do rio Boco. Depois de Mamarrosa, a estrada do povoamento antigo, a primitiva estrada do litoral deveria seguir de (TEODORO DE MATOS, 1980). Portanto, atendendo ao encadeamento Coimbra-Aveiro continuava a passar por Murtede, Samel e Mamarrosa de ligação do litoral aveirense a Coimbra. No século XVIII, a estrada e Vilarinho do Bairro. Este alinhamento corresponde ao antigo caminho sendo Cacia o seu destino final. Sôza viria a ser a sede da Ordem de Rocamador em Portugal (Idem. tro hospital fundado em Ouca em 1453 (Correia, 1944, p. 431 e 414). Um desses alinhamentos compõe-se da seguinte sucessão de 4 E natural que todo este itinerário tenha origem romana

mento antigo não dá dela qualquer testemunho. utilizada, também deve ser mais recente, pois a estrutura do povoa-Picado. A ligação de Aveiro à zona Mogofores-Sangalhos, hoje muito ção só documentada a partir do século XVII) ou até da Quinta do ções hoje grandes e bem conhecidas, como é o caso da Palhaça (povoaainda a vila importante que veio a ser a partir do século XV. No século (Teodoro de Matos, 1980). Junto a esse novo traçado surgiram povoa-XVIII a estrada, depois de Vilarinho, seguia directamente para Aveiro Note-se que, nos primeiros tempos da monarquia, Aveiro não era

medieval, como já referi na secção anterior. em Mogofores e em Ventosa do Bairro está atestada na documentação ao traçado da estrada mourisca ou estrada coimbrã velha cuja passagem e Sangalhos. Este alinhamento de povoações corresponde seguramente referido, é composto por uma sucessão de 8 povoações: Casal Comba, tima, ainda mais nítido no esboço da Figura 7 do que o anteriormente Antes, Arinhos, Ventosa do Bairro, Horta, Óis do Bairro, Mogofores Outro alinhamento de povoações na margem ocidental do Cér-

a maior densidade de achados arqueológicos da época romana. estrada de Aveiro e pela estrada do Marnel, que encontramos também É nesta zona da margem ocidental do Cértima, atravessada pela

itinerários antigos. Tamengos e Ourentã) não se encontram sobre o traçado de importantes Figura 7, apenas quatro (Oliveira do Bairro, São Lourenço do Bairro, Das 16 povoações da margem ocidental do Cértima assinaladas na

norte-sul para O alinhamento formado por Avelãs de Cima, Moita, Vila Nova de Monassinalam na Figura 7 nada menos do que oito povoações, como referi. o contraste com a estrada velha da margem ocidental, junto à qual se ponte do Agueda, na segunda metade do século XIII). É volveu-se em torno da igreja de Santa Eulália após a construção da da estrada coimbrã do século XIII (a actual cidade de Águeda desenúnica povoação assinalada na Figura 7 que fica situada sobre o traçado rário interior que defini na secção precedente. Aguada de Baixo é a Arcos, Alféloas e Aguada de Cima situam-se sobre o traçado do itineponder a itinerários de ligação do Marnel a Coimbra. Em todo o caso, nitidez na Figura 7 alinhamentos de povoações que possam corresmento era bastante mais disperso, não se identificando com suficiente Na margem oriental do Cértima e a sul do rio de Aguada, o povoa-Vacariça está já demasiado afastado da zona de circulação que possamos associá-lo a um itinerário importante.

das a itinerários de ligação à Beira Alta. Estão neste caso Vacariça, Algumas destas povoações da margem direita devem, sim, ser associa-Arcos e Moita (SEABRA LOPES, 1994b).

regista na margem esquerda do Vouga (3 igrejas em Travassô, Segadães certamente contribuiu para a maior densidade de povoamento que se mais nítido na estrutura do povoamento. A passagem deste itinerário cavalaria. O outro seguia ao longo do Cértima por Paradela, Espinhel, povoação sede de freguesia e onde se concentravam cinco casais de cam-se dois itinerários alternativos. Um deles seguia por Recardães. e, novamente, tendo em conta a estrutura do povoamento, identifidireita (apenas 1 igreja em Alquerubim e 2 cavalarias em Fontes e Covelas e 3 cavalarias em Segadães) em comparação com a margem Ois da Ribeira, cruzava aqui o rio Agueda, e continuava ao longo do velha devia cruzar o Cértima entre Sangalhos e Barrô. A partir de Barrô Vouga por Travassô, Segadães e Covelas. Este segundo itinerário é o Tal como sugere o alinhamento do povoamento antigo, a estrada

que designa um lugar próximo de Valongo do Vouga. sendo «huua grande estrada» que ligava Aveiro a romano de Cacia. Um documento de 1481 refere-se a esta estrada como ção, se situou uma albergaria), Eirol, Horta e Eixo até ao povoado continuação por Covelas, Segadães, Travassô (onde, segundo a traditoral. Talvez a bem documentada estrada romana Viseu-Marnel tivesse e Lamas, tocava um antigo itinerário de ligação da zona de Viseu ao li-1959). A esta estrada deveremos associar o topónimo Fundo da Rua, Covilhã e Guarda bem como ao reino de Castela (Sousa Baptista, Este último segmento da estrada, compreendido entre Travassô Viseu, Lamego,

cia eram já em 1481 os mesmos que hoje (Sousa Baptista, 1959, p. 49 entre Águeda e o Sardão; o Cértima atravessava-se em Requeixo. existia uma ponte), entre Travassô e Óis da Ribeira e, naturalmente, e 52): o Águeda atravessava-se entre Almeara e Eirol (onde já em 1377 Os principais pontos de travessia dos rios nesta zona de confluên-

o itinerário ocidental foi verdadeiramente a coluna vertebral do povoao carácter estruturante da rede viária. Nesse sentido, pode dizer-se que Vouga reflecte não só a influência de factores geográficos, como sejam mento da região do Vouga até ao século XIII. proximidade do litoral ou das margens dos rios, como também Em conclusão, a estrutura do povoamento antigo da região do

Densidade do povoamento antigo ao longo dos vários itinerários

vizinhança do itinerário romano Marnel-Gaia. mento antigo na vizinhança daqueles quatro itinerários e ainda na mentar a argumentação com uma avaliação da densidade do povoaa favor de tal hipótese nas secções 4 e 5. Em seguida, tentarei complelinhas gerais na secção 4, pareceu-me que o itinerário ocidental seria mais utilizado na época romana. Apresentei bastantes evidências Dos quatro itinerários entre Coimbra e o Marnel, apresentados em

Essa avaliação será feita em função dos seguintes indicadores:

3) Casais em 1220; 4); Cavalarias em 1282-1328; 5) Igrejas em 1320 1) Vestígios romanos; 2) Povoações referenciadas até ao século XII;

e respectivos rendimentos.

bra, Marnel e Porto/Gaia. pontos de interesse os extremos dos itinerários estudados, isto é, Coimimportante, como seja um rio. Por outro lado, não considerarei como e não houver, entre o itinerário e o ponto de interesse, um obstáculo itinerário se ficar a menos de meia milha de distância desse itinerário 8 povoação antiga, casal ou igreja) fica na vizinhança de um certo Só considerarei que um certo ponto de interesse (vestígio romano,

pondentes aos vários itinerários foram já apresentadas na Tabela II. mento cerca de 42,9 milhas, a densidade de igrejas no seu traçado é de povoações, casais ou igrejas na vizinhança de um itinerário. Assim, por exemplo, o itinerário entre o Marnel e Vila Nova de Gaia tocava em $12 \times 100/42$,9 = 28 igrejas por cada 100 milhas. As distâncias corres-12 igrejas. Como, pelos meus cálculos, este itinerário mede de comprilização, para um módulo viário de 100 milhas, do número de vestígios, indicadores denominados densidades. Uma densidade será uma norma-A comparação entre os vários itinerários será feita em termos de

esboço topográfico das vilas rústicas da região a sul do Vouga na posse inteiramente diversa. Por exemplo, Ruy de Azevedo preparou um grosso modo, entre a Mealhada e Albergaria-a-Velha. A realidade é autores a considerar bastante deserta toda esta região compreendida, romanos, ao longo do traçado da estrada coimbrã tem levado alguns A ausência de povoamento antigo e, nomeadamente, de vestígios

confrontassem com a estrada. A propósito das dimensões das villae, veja-se o artigo de Alarcão (1998). Dentro desta vizinhança ficaria a pars urbana da maior parte das villae que

mento da propriedade em algumas regiões, como por exemplo em Vila de inúmeras igrejas disseminadas por todo o território, e pelo parcelaainda se torna mais evidente, através dos documentos, pela existência Cova e Recardães» (AZEVEDO, 1933, p. 204). grande parte desta zona atingiu no decorrer do século X; este último a expansão e riqueza do mosteiro, como o intenso povoamento que Douro. Baseado nesse esboço, o autor concluiu: «Descobre-se não só que Almançor tomou para o domínio árabe todo o território até total ou parcial do mosteiro do Lorvão em finais do século X, época em

que o levou a concluir: «O espólio arqueológico, etnográfico e toponío couto de Aguim, fez uma inventariação dos que conhecia na Bairrada funda a romanização» (Rodrigues, 1959, p. 10). mico da região revela este facto incontroverso: foi duradoura e pro-Quanto aos vestígios romanos, José Rodrigues, na sua obra sobre

apoiam a passagem da estrada romana na margem ocidental do Cértima. dade romana, sobretudo na margem ocidental do Sértoma» (idem, p. 177). gam-se sobre a esquerda do Sértoma, nas encostas e ao longo do rio» escreveu também: «Os acidentes arqueológicos mais notáveis prolonaté alturas de Mogofores, alguns deles de descoberta recente» (Rodrioutros vestígios têm aparecido nas encostas e planaltos que se sucedem Pelos elementos que pude reunir, estas afirmações mantêm-se válidas e (SAA, 1960, p. 116). E noutro ponto: «Bairrada, região de muita antigui-GUES, 1959, p. 10-11). Mário Saa, homem da investigação no terreno, mente abundantes na vertente oeste do vale do Cértima, nas colinas de Casal Comba, Pedrulha, Murtede, Sepins, Arinhos e Horta [...]. Muitos O mesmo autor verificou ainda que «tais vestígios são especial-

rários da margem ocidental e a estrada coimbrã é ainda mais nítido rios a norte do Carquejo, local da bifurcação, o contraste entre os itineao longo do seu traçado. Se considerarmos apenas a parte destes itineráé o que apresenta menor densidade de vestígios arqueológicos romanos quatro itinerários de ligação entre Coimbra e Marnel, a estrada coimbrã possível comprová-lo inequivocamente. Pela tabela III se vê que, dos mesmo modernos, e, se alguns há que sejam romanos, ainda não foi de estradas, pois a maior parte dos que se conhecem são medievais ou fias mais localizadas. Não são incluídos nesta inventariação vestígios Roman Portugal (ALARCÃO, 1988a = RP) e, ainda, diversas monograitinerário romano Marnel-Gaia. As fontes desta enumeração são a obra encontrados na vizinhança dos quatro itinerários Coimbra-Marnel e no Na tabela III eunumeram-se os vestígios romanos até agora

TABELA III — Densidade de vestígios romanos

Coimbra-Marnel (itinerário ocidental ou romano) Ingote (RP 3/102); São Martinho do Pinheiro (RP 3/83); Trouxemil (RP 3/96); Vimieira (RP 3/81); Casal Comba (RP 3/80); 11 28 Arinhos (Rodricues, 1959, p. 11); Horta (Rodricues, 1959, p. 15); Ois do Bairro (SaA, 1960, p. 177); Mogotores (Rodricues, 1959, p. 15); 1959, p. 11; Cruz, 1995, II, p. 372); Sangalhos (MALHEIRO, 1997); Piedade (RP 3/62); Coimbra-Marnel (estrada mourisca) Igual ao anterior até Sangalhos; Coimbra-Marnel (itinerário interior) Igual ao anterior até Trouxemil; Mealhada (RP 3/79); Aguim (Rodricues, 1959, p. 15); Monte Crasto (SILVEIRA, 1911; Nociuera Gonçalves, 1959); Aguada de Cima (RP 3/63); Coimbra-Marnel (estrada coimbrā) Igual ao anterior até Mealhada; Aguada de Baixo (RP 3/64); Soundara de Serém (Sousa Baptista, 1950, p. 101); Branca (SILVA, 1994, p. 46-47; RP 3/39); Ul (RP 3/36; SILVA, 1994, p. 57); Mamoinha da Mourisca / Arrifana (Lerte de Vasconcelos, 1913, Piães (RP 3/29); Castro da Senhora da Saúde (RP 3/9); Mafamude (SILVA, 1994, p. 61);	ר ר ייייי יייייייייייייייייייייייייייי		
o ocidental ou romano) tho do Pinheiro (RP 3/83); a (RP 3/81); Casal Comba (RP 3/80); 11 11); Horta (Rodrigues, 1959, p. 15); 77); Mogofores (Rodrigues, 1997); tourisca) ; 10 interior) ; Mealhada (RP 3/79); S); Monte Crasto (Silveira, 1911; Aguada de Cima (RP 3/63); 7 Aguada de Baixo (RP 3/64); 5 11 12TA, 1950, p. 101); RP 3/39);); na (Leite de Vasconcelos, 1913, 61); ora da Saúde (RP 3/9);		1	Densidade
tourisca) ; 10 interior) ; Mealhada (RP 3/79); S); Monte Crasto (SILVEIRA, 1911; Aguada de Cima (RP 3/63); 7 imbrã) Aguada de Baixo (RP 3/64); 5 na) TSTA, 1950, p. 101); RP 3/39); RP 3/39); na (LEITE DE VASCONCELOS, 1913, 61); ora da Saúde (RP 3/9);	Coumbra-Marnel (itinerário ocidental ou romano) Ingote (RP 3/102); São Martinho do Pinheiro (RP 3/83); Trouxemil (RP 3/96); Vimieira (RP 3/81); Casal Comba (RP 3/80); Arinhos (Rodrigues, 1959, p. 11); Horta (Rodrigues, 1959, p. 15); Óis do Bairro (Saa, 1960, p. 177); Mogofores (Rodrigues, 1959, p. 11; Cruz, 1995, II, p. 372); Sangalhos (Malheiro, 1997); Piedade (RP 3/62);	=	28
interior) ; Mealhada (RP 3/79); ; Mealhada (RP 3/79); 5); Monte Crasto (Silveira, 1911; Aguada de Cima (RP 3/63); 7 imbrã) Aguada de Baixo (RP 3/64); 5 ia) RP 3/39); RP 3/39);); 7 1 na (Leite de Vasconcelos, 1913, 61); 61); ora da Saúde (RP 3/9);	Coimbra-Marnel (estrada mourisca) Igual ao anterior até Sangalhos;	10	27
Aguada de Baixo (RP 3/64); 5 (a) (ISTA, 1950, p. 101); (RP 3/39);); 7 1 na (Leite de Vasconcelos, 1913, 61); 61); ora da Saúde (RP 3/9);	Coimbra-Marnel (itinerário interior) Igual ao anterior até Trouxemil; Mealhada (RP 3/79); Aguim (Rodrigues, 1959, p. 15); Monte Crasto (Silveira, 1911; Nogueira Gonçalves, 1959); Aguada de Cima (RP 3/63);	7	19
ua) TSTA, 1950, p. 101); RP 3/39);); 7 na (LEITE DE VASCONCELOS, 1913, 61); ora da Saúde (RP 3/9);		5	14
	Marnel-Gaia (estrada romana) Gândara de Serém (Sousa Baptista, 1950, p. 101); Branca (Silva, 1994, p. 46-47; RP 3/39); UI (RP 3/36; Silva, 1994, p. 57); Mamoinha da Mourisca / Artifana (Leite de Vasconcelos, 1913, p. 507; Fernandes, 1996, p. 59-61); Fiães (RP 3/29); Castro da Senhora da Saúde (RP 3/9); Mafamude (Silva, 1994, p. 61);	7	16

por Plínio e atribuídas aos Túrdulos por Pompónio Mela. A norte do achados. Talábriga é a última cidade da cadeia de cidades enumeradas sobretudo a ocidente do Cértima. A partir daqui, apesar de nos estarmos toda a margem norte do Mondego e mais para norte até à Bairrada, maior densidade arqueológica prolonga-se de Coimbra (Emínio) por centros romanos, Conímbriga e Emínio. Ao que parece, a mancha de entre Vouga e Mondego estava sob a influência directa de dois grandes densidade de vestígios. No entanto, é preciso não esquecer que a região o Marnel e Vila Nova de Gaia, se tenha encontrado também uma baixa aproximar de Talábriga, diminuem gradualmente as notícias Poderá parecer estranho que, no traçado da estrada romana entre

sido mais tardia e menos intensa. Vouga, onde a cultura castreja era dominante, a romanização parece ter

TABELA IV — Densidade de povoações referenciadas até ao século XII

Povoações referenciadas, ano e documento	Total	Densidade
Coimbra-Marnel (itinerário ocidental ou romano) Coselhas, 967 (DC 94); Cioga do Monte, 968 (DC 95);		
Trouxemil, 883 (DC 11); São Martinho do Pinheiro, 973 (DC 196); Vimieira, 973 (DC 196); Casal Comba. 1094 (LP 175).		
Antes, 1064 (DC 444); Arinhos, 1064 (DC 444); Ventosa, 1064 (DC 444); Horta 1064 (DC 444); die de Bairro 1086 (TD 101)		
Mogofores, 1143 (DR 201); Sá, 1143 (DR 201); Sangalhos, 957 (DC 73); Paradela, 982 (Azeveno, 1933, n	23	54
221); Espinhel, 982 (AZEVEDO, 1933, p. 221); Óis da Ribeira, 1101		
(LP 553); Travassõ, 883 (DC 11); Segadães, 1050 (DC 378); Crastovães, 981 (DC 132); Covelas, 1050 (DC 378); Pedaçães, 981		
(DC 132);		
Coimbra-Marnel (estrada mourisca) Igual ao anterior até Barrô; Recardães, 981(DC 131); Castro, 982 (AZEVEDO, 1933, p. 221); Paredes, 1046 (DC 348);	18	49
Coimbra-Marnel (itinerário interior) Igual ao anterior até São Martinho do Pinheiro; Sernadelo, 1140 (DR 179); Aguim, 1101 (DP/III 17); Anadia, 1082 (LP 53); Arcos, 943 (DC 51); Santa Eulália de Aguada de Cima, 957 (DC 73) / 1132 (DR 123); Borralha, 1114 (DP/III 493); Assequins, 1050 (D 378); Valongo, 1050 (DC 378); Lanheses, 1101 (DP/III 42);	13	36
Coimbra-Marnel (estrada coimbrã) Igual ao anterior até Sernadelo; Avelãs de Baixo, 1132 (DR 123); Aguadela, 957 (DC 73); Aguada de Baixo, 957 (DC 73);	∞	23
Marnel-Gaia (estrada romana) Serem, 1050 (DC 378); Assilhó, 1117 (DR 49); Branca, 1088 (DC 708); Curval, 1109 (DP/III 318); Figueiredo, 1115 (DP/III 503); Oliveira de Azeméis, 922 (?) (DC 25); Santiago de Riba-Ul, 922 (?) (DC 25); Manhouce, 1053 (DC 385); São João da Madeira, 1088 (DC 703); Fiães, 1181 (ANTT, Suplemento da Coleçção Especial – sala 16, mosteiro de Pedroso, m. 4, n.º 16), Gualtar, 1181 (Idem); Aldriz, 897 (DC 12); Argoncilhe, 1091 (DC 756); Ramil, 1109 (DP/III 344); Seixezelo, 1091 (BF 196); Seada, 1119 (DP/IV 96); Pedroso, 1059 (DC 378); Mafamude, 922 (?) (DC 25);	- ∞	42

exacta localização. desaparecidas, pois em muitos casos se desconhece qual terá sido a sua ao século XII 9 . Não são incluídas nesta enumeração as povoações hoje actualmente existentes e que aparecem referidas na documentação até mourisca primitiva. Na tabela IV, enumeram-se as povoações ainda indicações importantes para a reconstituição do traçado da estrada da estrutura do povoamento anterior a essas alterações poder-nos-á dar produzido diversas alterações ao traçado da estrada mourisca. O estudo Como tenho vindo a referir, desde finais do século XII ter-se-ão

a estrada coimbrã a sul do Marnel aparece em último lugar. estrada mourisca e do itinerário ocidental a sul do Marnel. Novamente, romana entre Marnel e Gaia já se aproxima da densidade dos valores da de interesse. A densidade de pontos de interesse ao longo da estrada Coimbra e Marnel são os que apresentam maior densidade de pontos Mais uma vez, o itinerário ocidental e a estrada mourisca entre

renciado um único casal. (travessia em Assequins). No traçado da estrada coimbrã não foi refesobressaem claramente os dois itinerários que contornam a ribeira do Águeda, o itinerário ocidental (travessia em Óis) e o itinerário interior -se os casais existentes ao longo dos itinerários considerados, segundo tanto, quase não se mencionaram os casais. Na tabela V, apresentamcasais pertencentes a vários senhores. Para a zona bairradina, no enpovoações existentes, como também, em muitos casos, o número de o espaço correspondente à terra de Vouga. Nela se referem não só as e Buçaco são as inquirições de 1220 (Milenário, doc. 33) que abrangem inquirições de 1220, bem como as densidades de casais. Aqui, Uma fonte importante sobre o povoamento da região entre Vouga

Tabela V — Densidade de casais em 1220

Covelas, 4; Pedaçães, 3;	Sá, I; Paradela, 11: Espinhel 12 s. A. 20.	Coimbra-Marnel (itinerário ocidental ou romania	Frankus	Casais registados em cada povoação
66,5			Total	
168			Total Densidade	

LP, BF, etc.) tal como indicado na bibliografia apresentada no fim do artigo As fontes utilizadas são referenciadas na tabela por siglas (DC, DP/III, DP/IV,

Coimbra-Marnel (estrada mourisca) Sá, 1; Recardães, 27;	28	76
Coimbra-Marnel (itinerário interior) Alfeloas, 1; Pereiro, 9; Borralha, 5; Assequins, 18,5; Valongo, 18; Carvalhal, 2;	53,5	147
Coimbra-Marnel (estrada coimbrã) Não foram registados nenhuns casais	0	0
Marnel-Gaia (estrada romana) Não abrangido pelas inquirições de 1220		

ocidental se destaca e, mais uma vez, é flagrante o contraste com a esquatro itinerários entre Marnel e Coimbra. Mais uma vez o itinerário em destaque na secção 5, é a existência de casais de cavalaria. A Tabela trada coimbrã. VI apresenta as cavalarias e densidades de cavalarias ao longo dos Outro indicador importante sobre o povoamento antigo, já posto

itinerários considerados segundo o catálogo de 1320 (Fortunato De realçado na secção 5, é a distribuição geográfica das igrejas. A Tabela trei referenciadas antes de 1320 são as de Trouxemil, UI e Seixezelo). cumentação muito mais antiga ainda (as únicas igrejas que não encondo princípio do século XIII e muitas delas são referenciadas em doapresenta o número e densidade de igrejas nos mesmos itinerários. Almeida, mourisca estão igrejas e do respectivo rendimento no itinerário ocidental e na estrada traçado da estrada mourisca. Destas tabelas resulta que a densidade de anterior à época em que se começaram a operar as rectificações ao Portanto, as tabelas VIII e IX reflectem uma conjuntura seguramente Convém notar que a maior parte destas igrejas já aparecem nas listas VII apresenta os rendimentos das igrejas situadas na vizinhança dos último lugar. Marnel-Gaia. A estrada coimbrã a sul do Marnel ficou novamente em Ainda outro importante indicador do povoamento, também já 1971) bem como as densidades associadas. A tabela VIII na mesma ordem de grandeza da estrada romana

Tabela VI — Densidade de casais de cavalaria em 1282-1328

Casais de cavalaria registados em cada povoação	Total	Total Densidade
Coimbra-Marnel (itinerário ocidental) Arinhos, 3; Horta, 1; Óis do Bairro, 2; Mogofores, 1; Paradela, 1; Espinhel, 7,5; Óis da Ribeira, 1; Segadães, 3;	19,5	49
Coimbra-Marnel (estrada mourisca) Igual ao anterior até Mogofores; Recardães, 5; Casainho, 2;	14	38
Coimbra-Marnel (itinerário interior) Arcos, 1; Alfeloas, 2; Borralha, 2; Assequins, 2; Arrancada, 1; Brunhido, 1; Lanheses, 2; Cristelo, 1;	12	33
Coimbra-Marnel (estrada coimbrã) Não foram registados casais de cavalaria junto a este itinerário	0	0
Marnel-Gaia (estrada romana) Não abrangido por estas inquirições		

Tabela VII — Rendimentos das igrejas em 1320

Igrejas e respectivos rendimentos	Total I	Densidade
Coimbra-Marnel (itinerário ocidental ou romano) Treixomil, 25; Antes, 20; Casal Comba, 110; Ventosa, 50; Óis do Bairro, 12; Sangalhos, 230; Barrô, 60/2 (?); Espinhel, 200; Óis da Ribeira, 80; Travassô, 60; Segadães; 80; Covelas, 45;	42	2379
Coimbra-Marnel (estrada mourisca) Igual ao anterior até Barrô, total 477; Recardães, 100; 577	77	1559
Coimbra-Marnel (itinerário interior) Treixomil, 25; Arcos, 90; Aguada de Cima, 80; Valongo, 190; 385	35	1055
Coimbra-Marnel (estrada coimbrã) Treixomil, 25; Aguada de Baixo, 60/2 (?); Águeda, 180; 235	35	681
Marnel-Gaia (estrada romana) Figueiredo, 140; ermitânia de Figueiredo, 25; Branca, não diz, adopta-se o valor médio 50; Ul, 40; igrejas de Oliveira de Azeméis e Lações, 45; Vila Coua de Ul (=Santiago de Riba-Ul), 50; São Joãoda Madeira, 80; Manhuci (=Arrifana), 60; Fiães, 60; Seixezelo, 25; Argoncilhe, não diz, adopta-se o valor médio 50;	55	1457

Tabela VIII — Número e densidade de igrejas

	Número de igrejas	Densidade
Coimbra-Marnel (itinerário ocidental ou romano)	12	30
Coimbra-Marnel (estrada mourisca)	8	22
Coimbra-Marnel (itinerário interior)	4	11
Coimbra-Marnel (estrada coimbrã)	3	9 .
Marnel-Gaia (estrada romana)	12	28

A deslocação do eixo do povoamento para a nova estrada coimbrã

económicos e político-administrativos. novas povoações, que progressivamente se transformam em centros uma nova estrutura ao povoamento. Ao longo do novo traçado surgem portantes rectificações do traçado da estrada mourisca. Esta, por sua passou a chamar-se estrada coimbrã. O novo traçado imprimiu Nos primeiros tempos da monarquia portuguesa, fizeram-se im-

afastamento da estrada real: «Por lhe passar desviada a nascente a importante concelho» (OLIVEIRA, 1943, p. 57). estrada principal é que tão pouco se tem desenvolvido a sede de tão Miguel de Oliveira atribuía a estagnação da vila da Feira ao seu

quirições de 1220. Uma inquirição de 1284 refere mesmo que a e Bemposta. Nenhuma destas povoações aparece mencionada nas inem meados do século XIII, se deve atribuir o nascimento de Pinheiro (DP/III 526). Ao desvio do traçado mais para o interior, ocorrido talvez importante convenção sobre a fronteira entre as respectivas dioceses no ano de 1114, celebraram os bispos do Porto e de Coimbra uma Figueiredo, porque o rei tinha aí um paço de pernoita. Em Figueiredo, apareceu um miliário. A estrada mourisca passava seguramente em romana deve ter passado em Figueiredo, pois logo a norte, em Ul, Cima) se organizou um julgado que já existia no século XIII. A estrada torno desta povoação bipolar (Figueiredo de Baixo e Figueiredo de Bemposta tinha sido criada pouco tempo antes; finalmente, em 1290 O caso mais bem caracterizado parece ser o de Figueiredo. Em

çado da estrada, já nada testemunha a sua antiga importância. certa antiguidade. Em Figueiredo, decadente após a alteração do tra-XVII e XVIII várias casas solarengas que dão a estas duas terras ar de 1908, p. 277). No Pinheiro e na Bemposta se construíram nos séculos Figueiredo e a sede permanecia na Bemposta (Braamcamp Freire, a ser no Curval. No século XVI, o concelho continuava a dizer-se de a sede do julgado era já na Bemposta 10. Por sua vez, o paço real passou

sedes das freguesias com um total superior a 500 fogos (quadrados). assinaladas apenas as povoações com mais de 200 fogos (círculos) e as região segundo o Recenseamento Geral da População de 1940 11. Foram esboço topográfico dos principais centros de povoamento na mesma da Figura 7. Para termo de comparação, apresenta-se na Figura 8 o estrutura do povoamento antigo, tal como ela nos apareceu no esboço da monarquia, transformações estas que alteraram completamente a formações geomorfológicas e da rede viária operadas desde o princípio Entre Vouga e Mondego, foram verdadeiramente radicais as trans-

em Esgueira, pouco se afastavam dos limites do território medieval de Vouga e dos limites romanos de Talábriga (SEABRA LOPES, 1995; 1996a). limites da chamada comarca de Aveiro, criada no século XVI e sediada a época romana se situava no Marnel, foi deslocada para Aveiro. Os do Vouga. A própria capitalidade administrativa da região, que desde o centro de gravidade da região acompanhou o deslocamento da foz de Vouga, Águeda e Cértima para a ria de Aveiro, cujo processo de formação terminou em meados do século XVIII. Podemos dizer que vidade do povoamento da região deslocou-se da zona de confluência resultam evidentes alguns factos. Em primeiro lugar, o centro de gra-Da comparação entre os esboços topográficos das Figuras 5 e 6

et al., 1993, doc. 70, p. 217); em 1290: «... dixerom a Paay Johannes, juiz de Figheiredo na Benposta, ... » (MATTOSO et al., 1993, doc. 100, p. 269). 10 Em 1284: «A Benposta, que pobrou o almoxarife novamente, » (MATTOSO

o censo oficial de 1911 porque o exemplar que tenho mais à mão está incompleto oficiais de 1911, 1940, 1960 e 1991. Todos os outros numeramentos limitam-se a aprelhada, Vila Nova de Monsarros, Casal Comba e Aguada de Cima. Também não utilizei lação de algumas localidades importantes da região em estudo como sejam Anadia, Meacomparação com o povoamento antigo porque este numeramento não apresenta a popusentar os totais por freguesias ou por concelhos. Não utilizei o cadastro de 1527 para cada aglomerado populacional. São eles o cadastro de população de 1527 e os censos mentos de população realizados a nível nacional mencionam a população existente em 11 Por incrível que pareça, em toda a história portuguesa, apenas cinco numera-

século XVII, embora com um traçado algo diferente do actual (SEABRA corresponde à estrada Malapósta-Aveiro. Esta estrada, que já existia no do Valado, Oliveirinha e São Bernardo, todas assinaladas na Figura 8, Figura 8, aparecem ainda Assequins, Borralha, Arcos, Anadia e Aguim. muito nítido, o qual segue de perto a estrada coimbrã: Mourisca do compensação surge, mais para o interior, um alinhamento de povoações romano, tão nítido na Figura 7, já não se vislumbra na Figura 8. Em claramente as transformações ocorridas. O itinerário ocidental ou antigo (Figura 7). não se vislumbra qualquer vestígio dela na estrutura do povoamento formado pelas povoações de Sangalhos, Oliveira do Bairro, Oiã, Póvoa prosperaram graças a essa proximidade. Finalmente, o alinhamento povoações que ficam razoavelmente próximas da estrada coimbrã e que Lopes, 1994b, p. 99-100), não deve ter grande antiguidade. Com efeito, Vouga, Agueda, Aguada de Baixo, Avelãs do Caminho e Mealhada. Na Quanto à rede viária, a comparação entre as Figuras 5 e 6 ilustra

mesmo, junto à estrada mourisca, se localiza um grande número de traçado da estrada foram mais radicais, são numerosos os casos tipo brã surgem ou desenvolvem-se a partir do século XIII. portuguesa (algumas desde o século IX), as povoações da estrada coimpovoações que aparecem referenciadas na mais antiga documentação Figueiredo/Bemposta. Enquanto junto aos itinerários ancestrais Entre o Marnel e Coimbra, onde me parece que as alterações do

jugada, uma certa quantidade de cereal medida pelo alqueire de Sangamanuelinos que diversas terras importantes pagavam, pelo direito da teve no tempo de Dom Afonso Henriques. De facto, vê-se pelos forais importância de Sangalhos seja a difusão que o alqueire de Sangalhos gional a Sangalhos. Talvez o mais eloquente vestígio dessa antiga estrada e a existência do paço real deviam dar alguma projecção reo antigo paço real da estrada mourisca 12. No século XII, a passagem da nimo Paço, também dito Sangalhos do Paço, parece ainda recordar estrada romana e um paço da estrada mourisca (ver secção 8). O topó-Começo por Sangalhos, onde se deve ter situado uma mansio da

estrada de Coimbra para a Beira Alta). Avelãs e Paço de Figueiredo, na estrada Porto-Coimbra, Paço de Vilarinho, na estrada ocorre, normalmente tem origem num paço de pernoita do rei. Tal é o caso de Paço de Aveiro-Coimbra, Paço de Arrancada, na estrada Marnel-Viseu, e Paço de Botão (na 12 De facto, o topónimo paço não é muito frequente nesta região, e, quando

preendida entre o rio Antuã e a serra do Buçaco. de Sangalhos continuava em utilização corrente em toda a região comjugada um moio de 56 alqueires da medida de Sangalhos. Também por e cabido (Censual, p. 543-582). No princípio do século XVI, o alqueire medirem-se pelo alqueire de Sangalhos as censórias pagas ao bispo entre outras. No bispado do Porto era quase geral, desde o século XII, essa medida se pagava a jugada em Leiria, Torres Vedras e Almada, Em 1179, Coimbra, Santarém e Lisboa passaram a pagar pela

entre 1185 e 1211, a iniciativa da alteração do traçado. tima. Talvez seja de atribuir ao rei povoador, Dom Sancho I, que reinou coimbrã. Portanto, a estrada passava agora na margem oriental do Céragora passava entre Mogofores e Arcos, era conhecida como estrada entanto, em 1220 o paço real já se situava em Avelãs. A estrada, que em 1179 a estrada mourisca continuasse a passar em Sangalhos. No um dos seus paços para o pagamento das jugadas. É, pois, natural que Sangalhos. O nosso primeiro rei terá escolhido o alqueire corrente de Henriques determinou que se pagassem as jugadas pelo alqueire de Ancas, e, assim, também passaria em Sangalhos. Em 1179, Dom Afonso Em 1143, a estrada mourisca ainda passava entre Mogofores e

impressionante vai ser a evolução de Avelãs. também sede de concelho e de capitania-mor. Porém, verdadeiramente a Bairrada e uma das mais rendosas do Baixo Vouga 14. Sangalhos foi São Vicente de Sangalhos era ainda em 1320 a mais rendosa de toda guesia. No século XIII, a sede tinha 22,5 casais 13, pouco menos do que passa para segundo plano. No entanto, mantém-se como sede de fre-Óis da Ribeira, que era a maior da região, com 28 casais. A igreja de Com a mudança da estrada para a margem direita, Sangalhos

de Sangalhos e junto à foz do rio Avelãs, uma vila que parece nem Auelanas de Susanas (Avelãs de Cima). No século XI, existia no limite era suficiente para identificar a vila rústica a que depois se chamou ende-se de um documento de 961 (DC 84) que o topónimo Auleanas No século X, Avelãs do Caminho ainda não deveria existir. Depre-

deste concelho, existiam no conjunto de Sangalhos do Paço e Sangalhos da Igreja. 13 São os chamados casais antigos reguengos que, segundo o foral manuelino

ALMEIDA, 1971, p. 123-124). André de Esgueira (400 libras) e São Miguel de Fermelã (280 libras) (Fortunato de apenas em São Miguel de Aveiro (660 libras), São Miguel de Sôza (650 libras), Santo ¹⁴ A igreja de São Vicente rendia 230 libras. Rendas maiores registam-se

moderna, esta tendência manifesta-se pela existência em Avelãs de obrigação de ter besteiros do conto (Milenário, p. 160-162). Já na época Avelãs do Caminho era já uma das poucas povoações da região com e ganha, a partir do século XIV, o definitivo do Caminho. No século XV, move a povoação, que rapidamente se constitui em sede de concelho nas inquirições de 1220 (Milenário, p. 65). A existência do paço proinstala-se aí um paço de pernoita da família real, o qual aparece referido Baixo). Com a mudança da estrada para a margem direita do Cértima, tos do século XII e XIII chamam Auelanis de Jusanis (Avelãs de nas infundit in Certoma » (DC 444). Esta era a vila a que os documennome tinha: «in Sangalios, uilla que fuit de Elias Exalaba ubi se Auelade Sangalhos passaria a rezar missa na igreja de Santo António de Aveúnica igreja onde se rezasse missa, decidiu-se em 1587 que o coadjutor um maior número de famílias nobres e burguesas do que em Sangalhos. ocorrida no século XIX. o primeiro passo para a criação da freguesia de Avelãs do Caminho, lãs todos os domingos e dias santos (ROCHA MADAHIL, 1944). Este foi lhos. Mas, como não havia na estrada de Coimbra até Aguada uma No século XVI, Avelãs continuava a pertencer à freguesia de Sanga-

o tempo, este lugar foi-se despovoando e acabou por ficar deserto no de Sangalhos era o Casal da Rua 15, situado na margem ocidental do do traçado da estrada. Uma das mais antigas povoações da freguesia exemplos de alterações do povoamento relacionáveis com a alteração se lhe conhece é do século XVI (SEABRA LOPES, 1994b). São João da ção de São João da Azenha. A primeira referência documental que margem oriental, deve ter-se formado nos séculos XIV ou XV a povoa-Rua, talvez 1 Km para sul, também desapareceu. Em compensação, na século XIX. A Póvoa da Cortiçada, que ficava próxima do Casal da Cértima e referenciado pela primeira vez nas inquirições de 1220. Com Azenha é hoje uma das maiores povoações da freguesia de Sangalhos Ainda na zona Sangalhos/Avelãs, se encontram mais alguns

contramos mais dois exemplos da influência da rede viária na estrutura do povoamento. Foram estes coutos criados ambos por Dom Nos antigos coutos de Barrô e de Horta, ainda na Bairrada, en-

a velha estrada mourisca da margem ocidental do Cértima. estrada não existia na Idade Média, se poderá relacionar o topónimo Casal da Rua com Beira a Aveiro (SEABRA LOPES, 1994, p. 99). Portanto, só se se vier a provar que esta No século XVII, passava junto ao Casal da Rua uma estrada de ligação da

em Barrô, onde julgo que passava a estrada mourisca. a sul do Marnel anterior ao século XII. Porém, a sede do Couto ficou documento de 957 (DC 73), é a única povoação da estrada coimbrã Aguada de Baixo. Esta última, que foi minuciosamente descrita num 179). O couto de Barrô ficou a englobar as freguesias de Barrô e de Afonso Henriques, respectivamente em 1132 e 1140 (DR 123; DR

modernamente conhecido como couto de Aguim. existentes em Aguim, que era a segunda maior povoação do couto 16. perdeu importância e Aguim passou a ser a sede do couto, que ficou Horta era maior que Sangalhos e pouco menor do que Óis da Ribeira. No entanto, com o desvio da estrada para a margem oriental, Horta volta de 1200, Horta tinha 24 casais, precisamente o dobro dos casais em Horta. Pertenciam ainda ao couto os lugares de Aguim e Mata. Por onde passava a estrada mourisca. A estrada romana deve ter passado Tamengos. Horta e Tamengos ficam na margem ocidental do Cértima, O couto de Horta englobava apenas uma freguesia, cuja sede era

um dos mais antigos documentos portugueses, do ano de 883 (DC 11). rendosa de Riba d'Águeda e uma das mais rendosas do Baixo Vouga 17. Espinhel, que se documenta desde o século X, tinha em 1320 a igreja mais estando um deles documentado desde o século X (AZEVEDO, 1933, p. 221). Sente-se que Recardães era uma das povoações dominantes da é indicada ainda pela presença da palavra crasto em dois topónimos. das zonas de maior parcelamento da propriedade entre Vouga e Mondego documentada desde o século X. Nessa época, Recardães era mesmo uma (AZEVEDO, 1933, p. 204). A antiguidade do povoamento em Recardães onde passava a estrada mourisca, é uma povoação extremamente bem ração da relação de forças entre as povoações da região. Recardães, exemplos de como a alteração do traçado da estrada provocou uma alte-A ribeira do Águeda (Riba d'Águeda) fornece-nos também vários Travassô aparece em vários documentos do século IX, incluindo

doc. 29), onde não se menciona a existência de uma igreja em Horta). A referida tradição certamente se baseia no facto de Horta ter sido a primeira sede do couto -se, por exemplo, a relação de igrejas do bispado de Coimbra de 1209-1229 (Milenário, 1064, não havendo na documentação qualquer referência a uma igreja em Horta (vejasede da freguesia (Idem, p. 14-15). No entanto, a igreja de Tamengos já existia em (Rodrigues, 1959, p. 182-183). Há uma tradição segundo a qual Horta era a primitiva 16 Na verdade, havia 12 casais em Aguim, 9 na Mata e 8 em Tamengos

¹⁷ A igreja de Santa Maria de Espinhel rendía 200 libras. Ver acima a nota 13.

de Albergaria-a-Velha até à Mealhada e das abas serranas até Aveiro tinha mais casais de cavalaria, ao todo 7,5; Recardães vinha em se-Em 1282, Espinhel era ainda a povoação em toda a terra de Vouga que uma quarta povoação, Agueda, que acabou por presidir a toda a região. e pelo itinerário interior. A abertura da estrada coimbrã fez aparecer Agueda pelo itinerário ocidental ou romano, pela estrada mourisca estas povoações correspondem precisamente aos pontos de travessia do com 27 casais, e Assequins, com 18,5 casais. É interessante notar que povoações de Riba d'Agueda eram Ois, com gundo lugar com 5 cavalarias (Milenário, 1959, doc. 47). Convém abrangia quase todos os lugares de Riba d'Agueda e ainda se prolonno mundo rural. Em 1220, Ois da Ribeira era sede de um julgado que sima concentração dos chamados cavaleiros-vilões, a classe dominante a metade ocidental da ribeira do Águeda apresentava uma elevadísna terra de Vouga. Assim se vê que, ainda em finais do século XIII conjunto mais de uma quarta parte de todas as cavalarias existentes Espinhel, Ois da Ribeira, Recardães, Casainho e Oronhe tinham em lembrar que a terra de Vouga era um território enorme, que se estendia gava até Oliveira do Bairro (Milenário, 1939, doc. 33). Em 1220, segundo as inquirições nesse ano realizadas, as maiores ações de Riba d'Águeda eram Óis, com 28 casais, Recardães,

de Óis não se volta a falar. Apesar de tudo, séculos mais tarde, Ois do século XIII, e o consequente florescimento do burgo de Agueda, florescente, só foi promovida a sede de concelho após a reforma liberal ainda veio a ser sede de capitania-mor. A aldeia de Agueda, embora estas antigas povoações perdem a importância que tinham. Do julgado Com a construção da ponte sobre o rio Agueda, na segunda metade

curidade. Um documento de 1077 refere a existência de um porto de de Lausato, a que a documentação não volta a fazer referência, e a vila Sancta Eolalia que ficava situado entre um lugarejo denominado Casa rústica de Abciquinis (Assequins) 18. A existência de uma igreja de As origens da vila de Agueda têm permanecido numa certa obs-

cum Abciquinis, per illo fontano de discurri ad illo porto de Sancta Eolalia » (DC 549). ção de Agueda ter pertencido uma parte ao concelho de Aveiro e outra parte ao concefronteira entre Assequins e o Casal de Lausato. O facto de, no antigo regime, a povoanão permite tirar tal conclusão. Dele se deduz apenas que a igreja estava próxima da Lausato e fez corresponder este casal ao futuro burgo de Agueda. O documento citado O Conde da Borralha (1932-39, I) situou a igreja de Santa Eulália no próprio Casal de 18 «Casal de Lausato de ganantia quomodo diuide cum Ederoni et de alia parte

Assequins e Borralha e as testemunhas são de Assequins. a ser a mesma: na freguesia de Águeda fala-se apenas nos lugares de nesse ano realizada em toda a terra de Vouga, a situação continuava principal nesta freguesia, com 18,5 casais, era Assequins, futura sede de concelho e de capitania-mor. Em 1282, como se vê pela inquirição grosso modo a metade oriental da ribeira do Águeda 20. A povoação de povoação, mas sim e apenas nome de uma freguesia que abarcava rições. Interessante é notar que, em 1220, Agada não era ainda nome Borralha e Paredes, sendo os respectivos casais enumerados nas inquisia englobava, como ainda hoje, as povoações de Assequins, Bolfear, zadas por freguesias, documenta-se a freguesia de Agada. Esta fregue--1229 (Milenário, p. 46). Nas inquirições de 1220, que estão organi-Sancta Eolalia de Agada 19 documenta-se no rol de igrejas de 1209-

menos ermo²¹. Se alguns moradores ou casais aí existiam, seriam em sia, como a maior parte das freguesias da região deve ter remota origem. O local da igreja, no entanto, deve ter-se mantido sempre mais ou depois, nos aparece como sede de uma freguesia extensa. Essa fregue-Águeda uma igreja da invocação de Santa Eulália que, século e meio Portanto, desde o século XI existia no local da actual cidade de

rústicas e pequenos casais. normalmente as paróquias ou freguesias resultavam do agrupamento de várias vilas casal nunca poderá ter tido população suficiente para formar uma paróquia. De resto, Santa Eulália estaria erecta em cabeça do Casal de Lausato. Na verdade, este pequeno nem por isso faria grande sentido a suposição do Conde da Borralha de que a igreja de ainda que tivesse havido continuidade entre o Casal de Lausato e o burgo de Águeda, longo para que se possa estabelecer um elo de ligação entre ambos. Por outro lado, da formação do burgo de Águeda passaram mais de dois séculos, intervalo demasiado ou mesmo não habitada. Entre a última referência que se lhe conhece (1077) e o início e outro ainda anterior (DC 378), não passou de uma propriedade rústica pouco habitada ou muito próximo dela. O Casal de Lausato, a que apenas aludem o documento citado lho de Assequins também mostra que o seu foco inicial (a igreja) ficava na fronteira,

Cima, que também está bem documentada (documentos de 957 (DC 73) e 1132 (DP 123)). 19 Não se deve confundir Santa Eulália de Águeda com Santa Eulália de Aguada de

passou a ser conhecido como burgo de Vouga e depois como vila de Vouga. particular. Só mais tarde o lugar designado nas inquirições de 1220 como Rua de Vouga na igreja de Santa Maria de Lamas, mas que não se aplicava a nenhuma povoação em 20 Caso similar é o de Vouga, nome que em 1220 se dava à freguesia com sede

Vicente de Sangalhos ficava fora do corpo desta vila. A igreja de São Pedro de Avelãs Cima ainda hoje está completamente separada da povoação de Avelãs de Cima. ²¹ Não era invulgar situarem-se as igrejas em locais ermos. A igreja de São

número desprezável, já que a documentação até finais do século XIII não dá deles qualquer notícia.

que essa ponte, tal como a do Vouga, andou em construção por toda o Marnel e Coimbra e construir uma ponte sobre o rio Agueda. Sabe-se a estrada mourisca foi desviada para a margem direita do Cértima. Pro-Agueda a partir do século XV. quer referência ao aglomerado populacional que foi conhecido por documentação do século XIV não se encontrou, até ao momento, qualacontecido por finais do século XIII ou inícios do seguinte. Porém, na a formar um povoado de vulto junto à igreja de Santa Eulália. Isso terá 1994b). Só com a conclusão da ponte se terá começado, finalmente, a segunda metade do século XIII (Sousa Baptista, 1947; Seabra Lopes, vavelmente, a ideia terá sido, desde logo, rectificar todo o traçado entre Em finais do século XII ou princípios do seguinte, como referi,

as azenhas da Borralha e numa carta de perdão passada por Dom Afonso V em 1440 (CONDE DA BORRALHA, 1932-39, III, p. 171; V, (Milenário, doc. 85), sinal de considerável promoção. Nesta época a povoação de Águeda era frequentemente designada por burgo de enumeram as povoações que tinham obrigação de ter besteiros do conto da albergaria seja pouco posterior à construção da ponte. considerada antiga (Idem, VII, p. 120). É natural, pois, que a fundação Agueda. Assim aconteceu, por exemplo, num documento de 1432 sobre 231). Em 1449 já ali existia uma albergaria, a qual em 1481 era Finalmente, Agueda aparece num documento de 1427 em que se

temente vistoso para que fosse verosímil, aos olhos de muitos dos do Baixo Vouga 22. Na época moderna, o lugar de Agueda era suficiennossos humanistas, ter sido ali a cidade romana de Emínio. zado, a chamada aldeia de Agueda era já uma das maiores povoações Em 1527, como se vê pelo cadastro de população nesse ano reali-

séculos XIII a XV a designação de burgo: Vouga, Agueda e Avelãs do Caminho. Ora, segundo Viterbo, um burgo era normalmente um arra-Do elenco de povoações da estrada coimbrã, três receberam nos

dominantes na região. Óis da Ribeira, que tinha sido uma das maiores, estagnara, tendo galhos tinha 41 vizinhos. em 1527 apenas 31 vizinhos. Recardães tinha 36 vizinhos, Assequins tinha 25 e San-Agueda tinha, pois, ultrapassado todas as povoações que nos séculos XII e XIII eram Só Aveiro (894 vizinhos), Esgueira (175), Vagos (100) e Angeja (95) eram maiores. 22 Tinha 80 vizinhos incluindo o lugar do Casainho (BRAAMCAMP FREIRE, 1908).

volveu em redor da velha igreja de Santa Eulália. nova, subitamente importante. Foi também um burgo porque se desenpaço real de Sangalhos para Avelãs, se deve, segundo penso, o desenera também uma terra nova, no limite de Sangalhos. À transferência do volvimento desta última. Águeda é o exemplo acabado da povoação num documento de 1364 (Branquinho de Carvalho, 1950, p. 16-17), (SEABRA LOPES, 1996a). Avelãs do Caminho, que aparece como burgo neste perfil. O burgo de Vouga surgiu como arrabalde da civitas Marnel 'burgo', II, p. 49). Aquelas três povoações enquadram-se perfeitamente ou vila mais antiga ou junto a um mosteiro ou catedral (Elucidário, s.v. balde ou lugar pequeno, de fundação recente, situado junto a uma cidade aparece referenciado pela primeira vez num documento de 1258

outras quatro todas se situavam junto à estrada: Avelãs do Caminho, esta obrigação (Milenário, doc. 85). Uma delas era a vila de Aveiro. As e na área do actual distrito de Aveiro, apenas cinco povoações tinham eram tirados dos indivíduos que tinham um certo rendimento. Em 1427 Agueda, Vouga e Arrifana. ter besteiros. O besteiro era um soldado que usava como arma a besta. Como a conservação destas armas implicava despesas, os besteiros sagem da estrada coimbrã, é a obrigação em que algumas estavam de Outro exemplo da promoção de certas povoações, graças à pas-

incluídas na carta de couto de Barrô de 1132 (DR 123). referenciada pela primeira vez nas confrontações de Aguada de Baixo Avelãs de Baixo, mais tarde chamada Avelãs do Caminho, aparece de São Martinho, foi minuciosamente demarcada em 957 (DC 73). quista definitiva de Coimbra. De facto, esta vila, onde já existia a igreja de Baixo é a única povoação cuja existência se regista antes da recon-No percurso da estrada coimbrã entre o Marnel e Coimbra, Aguada

população de 1527 a refere. do Vouga, como o topónimo indica, formou-se junto à estrada mouum minúsculo concelho. A norte de Agueda, a actual vila de Mourisca dão, onde os viajantes costumavam pernoitar, a qual viria a ser sede de risca. No entanto, é tão recente a sua formação que nem o cadastro de seguinte. Na margem sul do rio Agueda forma-se a povoação de Sarapós a conclusão da ponte, em finais do século XIII ou princípios do estrada mourisca. A moderna cidade de Agueda começa a formar-se à construção da estrada coimbrã e consequente abandono da antiga Todas as outras povoações da estrada coimbrã são já posteriores

com a origem romana das vizinhas povoações da outra margem do reforma liberal. A freguesia da Mealhada só há poucos anos foi criada. à Mealhada data de 1288 (Branquinho de Carvalho, 1950). Tal como a margem direita do Cértima. A primeira referência que se conhece quência da mudança do traçado da estrada da margem esquerda para que surgiu e se desenvolveu no século XIII, certamente em conse-Cértima, incluindo Vimieira, Casal Comba, Antes, Sepins e Murtede. A pouca antiguidade da Mealhada, terra da estrada coimbrã, contrasta Agueda, também a Mealhada só foi elevada a sede de concelho após a A Mealhada, hoje também sede de concelho, é outra povoação

o contraste era já tão notório que o pároco de Espinhel, seduzido pelos desenvolvimento a Oiã, que tem hoje a categoria de vila. Em 1798, a estrada Avelãs-Aveiro, aberta em data incerta, proporcionou grande coimbrã mais para o interior, Espinhel estagnou. Em contrapartida, já na margem ocidental do Cértima. Com o afastamento da estrada desde Oronhe e Casal de Álvaro, na margem norte do Agueda, até Oiã, sede de uma das mais extensas paróquias da região, abrangendo terras dentes mantinham-se como sedes paroquiais, concelhias e militares alterações sofreu até ao Liberalismo. Localidades perfeitamente decagens, indo contra a vontade expressa do bispo (Mota, 1991, p. 21-22). rendimentos do curato de Oiã, decidiu mudar-se para ali de armas e baga-A histórica povoação de Espinhel, por exemplo, era, desde longa data, Regime estabilizou em época recuada, em plena Idade Média, e poucas A organização administrativa e paroquial característica do Antigo

situam-se na vizinhança da estrada nacional, correspondente à antiga três concelhos. As respectivas sedes (Agueda, Anadia e Mealhada) rios Coimbra-Marnel a que me tenho referido está hoje organizado em concelhos foram dissolvidos. O espaço cortado pelos vários itineráapresentavam maior vitalidade. Na sua grande maioria, os antigos veio, finalmente, reorganizar o espaço em torno das povoações que estrada coimbrã. A reforma administrativa desencadeada após a revolução liberal

sede de concelho entre 1836 e 1853 (Rodrigues, 1959, p. 80). O concelhias após a reforma liberal. São Lourenço do Bairro chegou a ser e pela estrada mourisca, foi mais difícil o estabelecimento de sedes concelho de Oliveira do Bairro foi também criado em 1836. No entanto, mida, decadente mesmo. Em finais do século não havia, em todo toda esta região da margem ocidental do Cértima estava algo depri-Na região mais a ocidente, atravessada pelo itinerário romano

a partir de meados do século XIX. A metade ocidental da ribeira do dental do Cértima foi atenuada pela passagem do caminho-de-ferro Agueda, outrora a mais progressiva, é actualmente das mais atrasadas. mente criado em 1898. A decadência das povoações da margem ocireconstituído passado um ano, e voltou a ser extinto em 1895 e novaconcelho foi, com efeito, extinto uma primeira vez em 1867, sendo o concelho de Oliveira do Bairro, um único bacharel em leis (Mota 1997, p. 87), argumento que se utilizava em favor da sua extinção. Este

zinhança da estrada coimbrã, agora conhecida como estrada real. cialmente a ocidente, no século XIX a elite regional habitava já na vipulso. Se, no século XIII, os cavaleiros-vilões se concentravam especomo Anadia, Aguim, Assequins e Borralha ganharam um novo impara o interior. Surgem então Águeda, Mealhada, Mourisca do Vouga, do rio Agueda provocaram a deslocação do eixo do povoamento mais galhos e Horta. A abertura da estrada coimbrã e a construção da ponte dominantes povoações como Ois da Ribeira, Espinhel, Recardães, Sano povoamento mais antigo da região. No princípio da monarquia eram Avelãs do Caminho, Sardão, São João da Azenha e Malaposta. Outras, variante, conhecida como estrada mourisca no século XII, estruturaram Em resumo, poderemos dizer que o itinerário ocidental e a sua

8. As mansiones entre Emínio e Cale

de uma estrada ficavam espaçadas a distâncias que o viajante legionário altitude, esse intervalo podia reduzir-se até 7 milhas. milhas entre mutationes consecutivas. Em terreno montanhoso e/ou de três mutationes por cada mansio, o que dá um intervalo de 10 a 12 nes eram em maior número, como é lógico. Em terreno plano haveria percorreria num dia e que oscilavam entre 30 e 36 milhas. As mutatiodos altos funcionários e do próprio imperador. As diversas mansiones mansiones eram locais de pernoita, destinadas a apoiar as deslocações LIER, 1972, p. 213-217), que podiam ser de três tipos: stationes, mutabem como para descanso ou mesmo muda dos animais. Finalmente, as tiones e mansiones. As stationes eram, tipicamente, postos policiais seu traçado mas também a localização das estações viárias (CHEVA-As mutationes eram locais para descanso e alimentação dos viajantes (com o objectivo de garantir a segurança dos viajantes) ou aduaneiros A caracterização de uma estrada inclui não só a identificação do

permite corrigi-la (SEABRA LOPES, 1996b, 1997bc). As distâncias correctas, em milhas ²³, são apresentadas na Tabela IX. Talábriga-Lancóbriga não pode estar correcta (SEABRA LOPES, 1995, e Cale (Porto/Gaia). A distância que o Itinerário indica para o segmento passava sucessivamente por Talábriga (Marnel), Lancóbriga (Fiães) gundo o Itinerário de Antonino, a estrada entre Conímbriga e Brácara dois grandes centros viais mais próximos: Conímbriga e Brácara. See Douro certamente foram determinadas pela distância que separava os 1996a, 1997a). Felizmente, o confronto com a Geografia de Ptolomeu As mansiones e mutationes da estrada situadas entre Mondego

TABELA IX -– Distâncias entre Conímbriga e Brácara (em milhas)

Conímbriga	
Emínio	10
Talábriga	40
Lancóbriga	30
Cale	13
Brácara	35
Total	128
	,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,

mente como sedes territoriais. milhas do segmento Sélio-Conímbriga (SEABRA LOPES, 1996c; 1997b). rando já as correcções resultantes do confronto com a Geografia de dência são também estações viárias no sentido que acabei de descrever. itinerário parece ter sido o da importância dessas localidades, nomeada-O critério em que se baseou a selecção das localidades a figurar no Ptolomeu, entre as 10 milhas do segmento Conímbriga-Emínio e as 41 Com efeito, as distâncias entre localidades vizinhas variavam, conside--Brácara e mencionadas no Hinerário de Antonino quase só por coinci-Nitidamente, as povoações situadas ao longo da estrada Olisipo-

Brácara, teria também uma mansio. Brácara teriam com toda a certeza mansiones. Cale, a 35 milhas de percurso divide-se, naturalmente, em quatro jornadas. Conímbriga Sendo a distância total entre Conímbriga e Brácara de 128 milhas,

^{1971,} p. 36). A milha (de milia passuum ou mil passos) romana valia 1481,5 m (Chevalier,

século XII, conforme testemunho de Edrizi (Lopes, 1911). ribeira do Águeda e na zona de Oliveira de Azeméis. Assim era já no quanto se sabe que os viajantes costumavam passar a noite na zona da uma jornada. A localização destes dois paços é tanto mais estranha a apenas 21 milhas de Coimbra, distância claramente insuficiente para e a cerca de 27 milhas de Avelãs. No entanto, o paço de Avelãs ficava efeito, no início do século XIII havia dois paços entre Porto e Coimbra, LOPES, 1994b). Ficava o de Figueiredo a cerca de 28 milhas do Porto um em Figueiredo d'el Rei e o outro em Avelãs do Caminho (Seabra seguras sobre a localização das mansiones da estrada romana. Com calização dos paços reais da estrada coimbrã na Idade Média dá pistas entre Conímbriga e Cale, ficando a jornada média em 31 milhas. A lo-As restantes 93 milhas obrigam à existência de duas mansiones

provavelmente em Sangalhos, e a segunda ficaria próxima de Figueimansio a norte de Conímbriga ficaria, pois, próxima de Avelãs, muito efeito, Avelãs do Caminho fica a 31 milhas de Conímbriga. A primeira sobrevivências das mansiones romanas, tudo se torna mais claro: com redo, talvez em Ul. No entanto, se estes dois paços reais forem considerados como

9. O traçado da estrada Emínio-Talábriga-Cale

stationes. As distâncias apresentadas foram calculadas sobre as cartas das mansiones, sugiro também a localização das mutationes e de duas militares da região à escala 1:25000 24. A norte do Vouga a estrada quase decalcava a estrada mourisca. Além briga a estrada romana seguiria o itinerário ocidental acima descrito. traçado da estrada romana entre Emínio e Cale. Entre Emínio e Talá-Em seguida, apresenta-se com mais pormenor a reconstituição do

e Vimieira, o viajante passaria sucessivamente pelos lugares de Pedrulha, Adémia de Baixo, Fornos, Cioga, Treixomil, Adões, Sargento Mor, Ponte de Coimbra → Vimieira [12,4 mp]: Entre Coimbra

pudessem ter formado, em outro tempo, um caminho de ligação. o mais direito e menos íngreme. Nos poucos casos em que não há caminhos visíveis no distâncias ao longo desses caminhos. Havendo vários caminhos alternativos, escolhi mapa, procurei caminhos sem continuação que estivessem em alinhamento e que ²⁴ Sempre que existem caminhos ou estradas a ligar as povoações, medi as

tima, apareceu o marco da milha XII da estrada romana (ALMEIDA, é bem conhecida. Muito perto dali, embora na margem direita do Céranteriores à nacionalidade. A estação arqueológica romana da Vimieira Média, a estrada que ligava Coimbra ao Norte do país era conhecida perto o traçado da estrada romana, dele divergindo apenas no pequeno TAS (1996, p. 809), deveria situar-se nas imediações da Vimeira uma no de Talábriga (Seabra Lopes, 1995; 1996a). Tal como sugere Manpor strada de Viminaria. A maior parte das povoações referidas são lugar do Carquejo, onde tomava a direcção da Mealhada. Na Idade Carquejo, Mala e Lendiosa. Até época recente, a estrada real seguiu de para controlo da fronteira territorial. mutatio da estrada romana. A este equipamento se juntaria uma statio 1956), o qual deveria marcar o fim do território de Emínio e a entrada

Mogofores (onde se documenta a passagem da estrada mourisca no século XII, também conhecida como estrada velha no início do século do Cértima, procurando pontos de passagem mais favoráveis nos três sito. Logo a seguir à Vimieira, a estrada começa a afastar-se do curso pequenos e em menor número, tornando-se por isso mais fácil o trânagora pela margem esquerda do Cértima, onde os afluentes são mais des paroquiais e algumas foram sedes concelhias no Antigo Regime. seguinte). Diversas destas povoações são, desde tempos remotos, secouto de Aguim), Óis do Bairro, Lezírias, São Mateus e Cabeço de coimbrã em 1288, como referi), Arinhos, Horta (a primitiva sede do principais afluentes desta zona, os ribeiros de Murtede, Ventosa e São itinerário descrito é de cerca de 34 milhas. localizaria, pelas razões já apontadas, a primeira mansio a norte de Comba, Antes, Ventosa do Bairro (onde se documenta a estrada velha Lourenço. Assim, a estrada romana seguiria da Vimeira para Casal A estrada continuaria depois por Sá, em direcção a Sangalhos. Aqui se Conímbriga. A distância entre Conímbriga e Sangalhos do Paço pelo Vimieira → Sangalhos do Paço [11,6 mp]: A estrada continua

diam aos dois pólos: «villa de Sancto Galios et de alio Sancto Galios...» rio, foi sempre uma povoação bipolar. Já as inquirições de 1220 aluocidental do Cértima e precisamente no limite da navegabilidade deste rio. O outro pólo, mais pequeno, desenvolveu-se em torno da igreja de (Milenário, doc. 33, p. 65). A vila de Sangalhos propriamente dita, tradicionalmente denominada Sangalhos do Paço, ficava sobranceira ao A povoação de Sangalhos, situada numa alta colina da margem

muito deve ter contribuído a passagem da estrada mourisca. famosos alqueires portugueses. Para a divulgação do alqueire sangalhês já foi referido, no século XII, Sangalhos deu o nome a um dos mais indício importante da passagem da estrada mourisca nesta zona. Como 7 casais. O topónimo *Paço*, que continua em utilização corrente, é um organizada desde o século XIII em 15,5 casais e Sangalhos da Igreja em Segundo o foral manuelino deste concelho, Sangalhos do Paço estava São Vicente, situada mais longe do rio, no ponto mais alto da colina.

era Viator, portanto alguém ligado às vias, poderá estar relacionada com a estrada, como sugeriu Encarnação (1996). Nesse caso, ela será também cilíndrica, a lembrar um miliário, e dedicada por C. Fabius, cujo cognomen Murtede em 1957 (Rodrigues, 1959), com uma forma essencialmente ponder, de facto, ao traçado da estrada romana. A ara votiva encontrada em itinerário descrito e explicam-se muito melhor se este itinerário corresnização, alguns significativos. Todos estes vestígios se situam ao longo do Arinhos, Horta, Ois e Mogofores têm sido encontrados vestígios da romap. 175-177). Perto de Vimieira, em Casal Comba, Sepins, Antes, Ventosa, nos na margem esquerda do Cértima (Rodrigues, 1959, p. 9-16; Saa, 1960, Diversos autores têm notado a grande densidade de vestígios roma-

no topo da colina 25. Seria a terceira a contar de Conímbriga. provavelmente uma *mutatio*, em relação directa com a *mansio* para apoio do trânsito (troca de ferraduras, etc.). Nas Sortes se situaria existência de uma ferraria. A minha hipótese é que essa ferraria serviria escória de ferro e de bronze no mesmo local, o que leva a supor a interessante para o problema das estradas parece ser a abundância de zona envolvente apareceram várias mós manuárias. Particularmente peso de tear, comprovando-se assim a remota ocupação do local. Na anteriores apareceram machados de pedra, artefactos em sílex e outro terracota, muito interessante mas incompleta (Figura 9). De períodos cerâmica caseira, um peso de tear e uma pequena figura humana, em (MALHEIRO, 1997), fez aparecer tijolo de parede, um tijolo de coluna, em profusão. Uma pequena escavação, efectuada por um particular ainda não foi escavado sistematicamente. No entanto, há por ali tegulæ situado ao fundo da colina de Sangalhos do Paço. O sítio das Sortes romnização, quer junto à igreja de São Vicente, quer no sítio das Sortes, um documento da passagem da estrada pela margem esquerda do Cértima. Em Sangalhos têm aparecido também bastantes vestígios da

Este obliterado sítio das Sortes desempenharia, portanto, um papel seme-

da Ribeira. Este é um dos melhores pontos para a travessia do Águeda, nhava agora uma pronunciada inflexão para ocidente, na direcção de Ois documenta claramente este antigo ponto de passagem. A estrada desedos caminhos ainda existentes no terreno, em ambas as margens do rio, a colina, passando junto às Sortes, e continuava por Murta e Cercal. Neste des. A romana seguiria por Paradela, bordejava o antigo braço marinho, onde desaguavam os ríos visto que a largura da várzea se reduz a cerca de 300 m. Aqui a estrada bava Aguada de Baixo, na estrada coimbrã) e de paróquia. O alinhamento logo se alcançava Barrô, que foi sede de concelho, de couto (que engloponto cruzava-se o Cértima para a margem direita e, subindo a encosta, incluindo cerâmica de construção e doméstica e um forno (LADEIRA, 1982, deste itinerário. Na Piedade apareceram diversos vestígios romanos, século X e parece ser um testemunho toponímico importante da passagem mourisca que, na Idade Média, seguiria de Barrô para Recardães e Pare-Agueda e Cértima. O itinerário afastava-se assim da directriz da estrada se dirige a Ois, é toda escavada na pedra. como já tive oportunidade de realçar. Uma das ruas, precisamente a que ridos na nossa documentação mais antiga. Espinhel é terra muito histórica, p. 71 e 263; RP 3/62). Paradela, Espinhel, Ois e Travassô aparecem refe-Espinhel, Óis, Cabanões e Travassô. Paradela documenta-se logo no Sangalhos do Paço → Travassô [10,5 mp]: A estrada descia agora Piedade, Quinta do Morangal,

da ponte actual sobrevive o topónimo Ponte Pedrinha (de ponte petrina, construção, a travessia fazia-se de barco e não há memória de ali alguma actualmente uma moderna ponte de betão (Figura 10). Antes da sua todos os lugares da ribeira do Agueda e ainda Oliveira do Bairro. No i. e. 'ponte de pedra'), que designa terrenos de cultivo. Este facto sugere local onde eu penso que o itinerário romano cruzaria o Agueda existe desde a Idade Média (Sousa Baptista, 1959, p. 49 e 52). travessia do Águeda. Certo é que este ponto de travessia se documenta que ali tenha existido, em época recuada, uma ponte de pedra para a vez ter existido uma ponte de pedra. No entanto, uns 300 m para ocidente Em 1220, Óis da Ribeira era sede de um julgado que abrangia quase

instalações que foram identificadas com uma mutatio e, em frente, do outro lado da segmento de calçada romana, se encontraram, de um lado da estrada, os restos de umas o Marnel a Viseu. Também na zona de Freixo de Numão, junto a um excelente lhante ao que desempenhou a povoção de A-dos-Ferreiros, na estrada que ligava estrada, as ruínas de uma ferraria (Coixão, 1997, p. 81).

Paço, é natural que se tenha situado aqui uma mutatio da estrada romana. antiga albergaria. Como Travassô fica a 10,5 milhas de Sangalhos do das romarias do Centro do país, regista-se a tradição da existência de uma Em Travassô, que é o centro de uma das mais características e concorrium dos documentos portugueses mais antigos, do ano de 883 (DC 11). Travassô aparece em vários documentos do século IX, incluindo

sede concelhia e paroquial no Antigo Regime. aqueles lugares aparecem na documentação mais antiga. Segadães foi assim à estrada Emínio-Talábriga nesta parte do trajecto. talvez continuasse até ao povoado romano de Cacia, sobrepondo-se Covelas e Pedaçães. A bem documentada estrada romana Viseu-Marnel a direcção do Marnel, onde se situava Talábriga (SEABRA LOPES, 1995; 1996ab; 1997a), passando por Fontinha, Segadães, Trofa, Crastovães, Travassô → Ponte do Marnel [5,1 mp]: A estrada toma agora Quase todos

(CHEVALIER, 1972, p. 97). Infelizmente, esta coincidência não constitui tância entre os bordos exteriores dos rodados é de 1,3 m, ou pouco mais. séculos, atinge os 30 a 40 cm (isto observei eu em 1994; ultimamente É, pois, igual ao trilho tipicamente desenhado pelos carros romanos foi coberto de terra, para melhorar as condições de circulação). A disdade dos rodados ou trilhos dos carros, em passagem por ali ao longo profundidade da escavação atinge um máximo de 4 m 26. A profundiescavado prolonga-se por 40 m, a largura é de 3 m, sem oscilações, e a Travassô, entre as Hortinhas e o Mato Crespo (Figura 11). O segmento estrada escavada na rocha que ainda se pode observar na freguesia de isso atravessar a povoação. Também interessante é o segmento de documentos, esta estrada servia de limite a Pedaçães, não podendo por podem ter pertencido à estrada mourisca porque, segundo vários restos de calçada (Sousa Baptista, 1942; RP 3/58). Estas pedras não daçães, existem ou existiram numerosas lajes de pedra que deverão ser nerário romano passaria junto à igreja da Trofa. Numa das ruas de Pe-Talvez se deva relacionar este topónimo com a estrada mourisca. O itià Lavoura da Calçada a que se referiu Sousa Baptista (1958, p. 312). de Lemos, sobrevive o topónimo Calçada. Suponho que corresponde Na Trofa, junto ao sítio do Murtório e ao actual Instituto Duarte

a na freguesia de Segadães, o que também não está correcto. considera romana, mas atribui-lhe erradamente a largura de 5 m; por outro lado, situa-²⁶ Ladeira (1982, I, p. 32 e 131; II, p. 72) refere a existência desta calçada, que

resto, por esta zona passava a muito antiga estrada de ligação da Beira sentam aproximadamente aquela mesma distância entre as rodas. De carros de bois, ainda hoje utilizados por alguns camponeses, apreprova da origem romana deste troço de calçada porque os tradicionais a identificação da origem dos vestígios de estradas. Em todo o caso, tente na encosta de Serém (ver adiante). esta calçada apresenta características similares às de uma outra exis-Aveiro (Sousa Baptista, 1959), facto que complica ainda mais

sequer mutatio. No entanto, como aqui confluía a estrada romana vinda estrada Olisipo-Brácara, Talábriga não precisaria de ter mansio e nem milhas do Itinerário de Antonino. Do ponto de vista do trânsito na ponte de Coimbra à ponte do Marnel, pela estrada que se descreveu, rio e, nesse caso, a ponte é o melhor ponto de referência. A distância da é de crer que Talábriga se estendesse a ambas as margens do pequeno car as distâncias de Talábriga a Emínio e a Lancóbriga. Na verdade, ria 1325-1336, doc. 131), é o ponto de referência que adopto para marmenos uma mutatio. de cerca de 39,6 milhas, confirmando-se, assim, a indicação de 40 Viseu, talvez existisse nas imediações, senão uma mansio, pelo A ponte do Marnel (Figura 6), que já existia em 1327 (Chancela-

até ao século XII. Sabe-se apenas que passava a oriente do lugar de cruzar o Marnel, a estrada logo encontrava um obstáculo maior, o rio na Gândara de Serém, existem restos de cerâmica de construção que da estrada romana, se fizesse no local da ponte medieval. Logo a norte vável, no entanto, é que a travessia, quer da estrada mourisca, quer Pedaçães e que não passava longe de Albergaria-a-Velha. O mais profundamente sulcada por milenário rodado de carros, trepando ao alto provavelmente romana, que ainda hoje se vê cortada na rocha viva e (...), demonstra-o à saciedade o extenso troço de estrada antiga, muito e que esta passagem decalca a da antiga via militar Aeminium-Cale obter tão vantajosamente como no local onde presentemente se faz, mento da estrada com o Vouga em nenhum outro ponto se poderia Маданіі (1941, р. 229) descreveu assim: «O indispensável cruzana encosta de Serém, há vestígios de uma antiga estrada, que ROCHA poderão ser romanos (Sousa Baptista, 1950, p. 101). Além disso, Vouga. Não se sabe ao certo onde a estrada mourisca atravessou o rio de Serém, perfeitamente ao lado da actual, partindo sensivelmente do Ponte do Marnel → Albergaria-a-Velha [5,5 mp]: Depois de

local da ponte medieval do Vouga e por Assilhó, era de 5,5 milhas. da ponte do Marnel a Albergaria-a-Velha, fazendo passar a estrada pelo muito semelhante à que ainda hoje se observa em Travassô. A distância a passagem de apenas um carro. Portanto, esta antiga calçada seria moram ali perto, as quais me disseram que ela era estreita e permitia aterrada e alargada há poucos anos. No entanto, falei com pessoas que observou. Nada do que descreveu está hoje visível, pois a via foi mesmo ponto do rio». Rocha Madahil não deu as dimensões da via que

de D. Teresa e a tal mansio frigida devem estar na continuidade de uma mutatio da estrada romana. Albergaria-a-Velha fica a 10,6 milhas de Travassô, por isso a albergaria Assim, talvez sem o saber, D. Teresa refundou a antiga albergaria. uma simples albergaria. Estava fria porque tinha sido abandonada. mansio não tinha já o sentido que lhe davam os Romanos e designava sio Frigida, etc. (Seabra Lopes, 1997a). Na Idade Média, a palavra região era conhecida como região de Meison Frido, Meigon Frio, Mando couto de Assilhó (DR 49). Vê-se, por vários documentos, que esta albergaria fundada pela rainha D. Teresa, em 1117, dentro dos limites A actual vila de Albergaria-a-Velha formou-se em redor de uma

de autores tem procurado Talábriga nesta zona. equívoco que passou despercebido até há pouco tempo, grande número mente no sítio de Cristelo (Souto, 1942; Vaz, 1982). Baseados num freguesia da Branca há diversos vestígios da época romana, nomeada-Figueiredo de Baixo, Figueiredo de Cima, Relva, Damonde e Ul. Na a directriz da estrada mourisca do século XII (SEABRA LOPES, 1994b), passando successivamente por Albergaria-a-Nova, Laginhas, Curval, Albergaria-a-Velha → Ul [10,0 mp]: A estrada seguiria agora

(Almeida, 1956; Seabra Lopes, 1995). encontrado em Ossela não deve passar de invenção deste suspeito autor a existência deste miliário e de uma outra lápide que Brito diz ter e a distância a Fiães (Lancóbriga) é de cerca de 19,5 milhas. De resto, cia por estrada da Branca ao Marnel (Talábriga) é de cerca de 15 milhas Branca um miliário com indicação da milha XII. No entanto, a distân-Fr. Bernardo de Brito diz ter achado no monte de São Julião da

(Almeida, 1956). Uma vez que a distância de Ul a Fiães por estrada relativa a Lancóbriga (Fiães), bem como um terminus augustalis séculos, um miliário com indicação da milha XII, certamente Embutido numa parede da antiga igreja de Ul apareceu, vai para

já referi acima, a Bemposta foi fundada em meados do século XIII. do miliário em Ul prova que a estrada mourisca seguia de perto juntaria ainda uma statio, para controlar a fronteira entre os dois certamente na sequência da rectificação do traçado da estrada mourisca. sasse na Bemposta, como sugere Mantas (1996, p. 821). Aliás, como a estrada romana. Por isso, é pouco provável que a estrada romana pastambém apoia a localização da segunda mansio nesta zona. O achado até ao século XIII, um paço de pernoita da família real, facto que territórios referidos. Próximo de Ul, em Figueiredo de Baixo, se situou, dos vestígios encontrados nesta zona. A estes dois equipamentos se mansio a contar de Conímbriga, hipótese reforçada pela importância a Sangalhos, deveriam localizar-se em Ul a sexta mutatio e a segunda milhas em relação a Albergaria-a-Velha e de 31,1 milhas em relação teira entre Talábriga e Lancóbriga. Tendo em conta a distância de 10 menos 1 milha para norte de Ul. Em todo o caso, o rio Ul seria a frono miliário de Ul foi deslocado de um ponto da estrada situado pelo (experimentei vários itinerários) não pode ser menos do que 13 milhas

a estrada mourisca passava mais a oriente. Passava em Oliveira de Azetiguidade entre os sítios a localizar e os pontos de referência. Na verdade, ou menos vastas e não implicava proximidade nem, muito menos, conmente se aplicava a pontos de referência conhecidos em regiões mais lise da documentação medieval mostra que a expressão subtus normalsava bastante a ocidente de Oliveira de Azeméis. No entanto, a anástratam mauriscam», concluindo que a própria estrada mourisca passitua a povoação de Azevedo em São Vicente de Pereira, «subtus illam rio de Adães. O autor baseia-se também num documento de 1145 que posição inicial, o mesmo poderá ter acontecido ao fragmento de miliámiliário da milha XII apareceu deslocado uma ou duas milhas da sua a estrada romana bastante diferente do da estrada mourisca. Ora, se o jornada depois de Coimbra, e também em São João da Madeira ²⁷. Parece-Adães levou Mantas (1996, p. 823-826) a propor um traçado para méis, onde, segundo Edrizi (LOPES, 1911), se completava a segunda Ul → Arrifana [9,0 mp]: O fragmento de miliário encontrado em

p. 248). Este documento foi citado anteriormente por Oliveira (1943, p. 56), entre de Madeira de illa strata mourisca ata illo ueneiro» (Fernandes, 1996, doc. XVIII outros autores. A estrada aparece referenciada em vários outros documentos, embora 27 O documento mais explícito é de 1142: «uilla quos uocitant Sancti Iohanis

p. 825), deveria situar-se aqui uma mutatio da estrada romana. (LEITE DE VASCONCELOS, 1913, p. 507). Tal como sugere Mantas (1996) topónimo Arrifana deve significar ponto de chegada ou de paragem o extremo nordeste de Santiago de Riba-Ul, continuava por Carcavelos, méis, tocava o extremo ocidental de Lações de Baixo, tocava em seguida (SAA, 1960, p. 158, n. 1). Na Arrifana ou próximo, apareceu uma ara Pica, Faria de Baixo, Faria de Cima, São João da Madeira e Arrifana. O trada mourisca. Assim, de UI, a estrada seguia para Oliveira de Aze--me mais prudente fazer seguir a estrada romana pela directriz da es-

milhas indicadas, para o segmento Talábriga-Lancóbriga, por um dos Ptolomeu (Seabra Lopes, 1996b; 1997bc). códices mais antigos do *Itinerário de Antonino* e pelo guia seguido por a ponte do Marnel é de 29,5 milhas, valor que se arredonda para as 30 vinda do interior, que ali confluísse. A soma das distâncias desde briga não teria *mutatio* nem *mansio*, a não ser por força de outra estrada, Jorge, Airas, Soutelo e Fiães 28. Tal como Talábriga, também Lancótraçado tradicional da estrada mourisca, seguindo por Malaposta de São 1971; Mantas, 1996). Por essa razão, a estrada romana afasta-se do Arrifana → Fiães [5,0 mp]: A estrada dirigia-se agora para onde se situou Lancóbriga (Ferreira de Almeida & Santos,

distância desta mutatio à mansio de Cale fica reduzida a 6,1 milhas, se sugere Mantas, ter contido uma mutatio. Neste caso, no entanto, a dos Carvalhos fica a 12,3 milhas de Arrifana e poderá, como também aqui apareceram duas tesserae hospitales aludindo a esse povo. A zona Murado, talvez a primitiva capital dos Túrdulos Velhos. Com efeito, camente importante castro de Nossa Senhora da Saúde ou Monte mourisca. A meia milha de distância dos Carvalhos fica o arqueologifinalmente, Carvalhos, onde se encontrava com o traçado da estrada depois a igreja de Argoncilhe, Camalhões, Ameal, Vendas Novas e, nuaria, talvez, por Aldriz, Serzedelo, deixando Crasto à sua direita, Fiães → Carvalhos [7,3 mp]: O traçado da estrada romana conti-

e XV) (em alguns casos aparece astar em vez de strata). sem a qualificação de mourisca, desde 1088 (DC 704; Fernandes, 1996, docs. I, II, X

Fiães e depois voltava a encontrar a estrada mourisca em Vergada. seguiria a mourisca até à povoação de Ferrada, aí desviava-se quase abruptamente para desvia-se do da estrada mourisca de forma que parece pouco natural. A estrada romana 28 Para alcançar Lancóbriga, o traçado da estrada romana proposto por Mantas

que Sousa (1942) considerou ter interesse arqueológico. talvez mesmo junto ao lugar de Camalhões, onde confluía a estrada romana vinda de Viseu. Ali próximo regista-se o topónimo Casinhas, ventura mais razoável, é procurar a mutatio na zona de Argoncilhe, adoptarmos como ponto de referência o local da travessia do Douro Vila Nova de Gaia e o Porto. Uma hipótese alternativa, por-

a 27,3 milhas da anterior (UI) e a 35 milhas de Brácara. como já referi, devia ter a terceira mansio a contar de Conímbriga. Ficava Mantas, 1996). Seguiria o traçado tradicional da estrada mourisca. Cale, ou, segundo as opiniões mais recentes, no Porto (Coelho da Silva, 1994; agora à passagem do Douro, junto à cidade de Cale, que ficava em Gaia Carvalhos → Travessia Gaia-Porto [6,1 mp]: A estrada dirige-se

distância total (82,5 milhas) está de acordo entre Emínio e Cale, com indicação das estações viárias e distâncias. A indicada pelo itinerário de Antonino corrigido. Na Tabela X, apresenta-se o sumário do traçado da estrada romana com a distância total

Porto/Gaia Albergaria-a-Velha Sangalhos Ponte de Coimbra Total (mp) Carvalhos Ponte do Marnel Arrifana oppidum Cale, mansio, mutatio mutatio (?) oppidum Lancobriga oppidum Talabriga mansio, mutatio oppidum Aeminium mansio, mutatio, statio mutatio, statio 82,5 10,0 10,5 5,1 5,5 11,6 9,0 6,1 5,0 7,3 $29,5 \rightarrow 30$ $39,6 \to 40$

TABELA X — Sumário do traçado da estrada Emínio-Cale

10. Resumo histórico e conclusão

resumo da história da região estudada, focando especialmente as transformações operadas a nível geomorfológico, viário e do povoamento Talvez a melhor forma de concluir este trabalho seja apresentar um

A zona da ribeira do Agueda estaria talvez sujeita a marés. mente os rios Vouga, Agueda e Cértima. As cotas dos campos do a zona de Eirol ou mesmo Fermentelos. Aí desaguavam independenteuma pronunciada reentrância que se prolongava desde Espinho até ao Vouga, na zona do Marnel, e do Águeda seriam muito mais baixas. Cabo Mondego. Dessa enorme baía partia um braço de mar que atingia volta do ano 1000 a.C., a configuração do litoral aveirense apresentava Quando o oceano estabilizou em níveis próximos dos actuais, por

no fornecimento desse metal para as regiões mais setentrionais. vagas sucessivas povos de raiz indoeuropeia e Vouga, rica em cobre, parece ter desempenhado um papel importante Do ponto de vista da ocupação humana, foram chegando em semita. A região do

litoral lusitano, passava sucessivamente pelo Porto, Marnel, Coimbra, sempre o mais possível pelo litoral, apenas se afastando dele quando São Sebastião do Freixo (Batalha), Abobriz (Obidos) e Sintra. Mondego. Este velho caminho, que Plínio seguiu na sua descrição do era necessário evitar os deltas dos rios, como é o caso do Vouga e do o velho itinerário de ligação do Noroeste peninsular à foz do Tejo seguia pais itinerários, três princípios gerais seriam observados: 1. Evitar as várzeas dos rios; 2. Seguir os vales; 3. Preferir o litoral. É assim que Do ponto vista da circulação e, portanto, do traçado dos princi-

a margem ocidental, os itinerários que ferido ao itinerário interior. De resto, isto é mais um exemplo de como fluência. Pela mesma razão, o itinerário ocidental seria geralmente precapital da região, Talábriga, ficava muito próxima desta zona de con-Antes de chegar a Aguada, este itinerário atravessava o Cértima para rotas de comércio marítimo e seria, assim, muito habitado. A própria ponto de confluência dos três rios deveria ser muito animado pelas do braço marítimo onde também confluíam o Vouga e o Cértima. Este zando o rio Águeda em Ois da Ribeira e tocando neste ponto o extremo o Agueda em Assequins; o outro contornava a várzea a ocidente, cruitinerários alternativos saltam à vista: um seguia pelo interior, cruzando todos os tempos, constituiu um importante obstáculo à circulação. Dois em Coimbra, o trânsito tinha que enfrentar a várzea do Agueda que, em Arcos e respectivas várzeas. Entre a travessia do Vouga, no Marnel, e a travessja do Mondego, tocavam o litoral eram normalmente preferidos. por forma a evitar os rios de Aguada, Avelãs

lado, a distância por estrada entre Talábriga (Marnel) e Emínio Os Romanos devem ter aproveitado este itinerário ocidental. Por

ocidental, sendo bastante diferente das distâncias medidas ao longo do itinerário ocidental que, de longe, encontramos a maior densidade de itinerário interior e da estrada coimbrã. Por outro lado, é ao longo do cia esta que coincide com a distância medida ao longo do itinerário se prolonga de Coimbra até à Piedade (Espinhel). vestígios romanos. Trata-se de uma cadeia ininterrupta de vestígios que (Coimbra) era, segundo o Itinerário de Antonino, de 40 milhas, distân-

povoado romano de Cacia, estrategicamente situado à entrada do delta não serviriam como mansiones. Tal poderia acontecer, no entanto, continuaria por Travassô, Eirol e Eixo até ao povoado romano de Cacia do Vouga, passando por Murtede, Ouca, Ílhavo e Aveiro; o outro ligava rios romanos nesta região seriam os seguintes: um ligava Coimbra ao devido a outras estradas que confluíssem nestas cidades. Outros itineráponto de vista do trânsito nesta estrada, Emínio, Talábriga e Lancóbriga Viseu ao Marnel (esta parte está confirmada por miliários) e do Marnel -se uma em Sangalhos, outra em Ul e a terceira na zona do Porto. Do Entre Conímbriga e Brácara existiriam três mansiones, situando-

construção. Seria, pois, de esperar que muitos vestígios dela tivessem tância total de 71 milhas para este percurso, ou seja, apenas 0,5 milhas curso entre Emínio e Cale. A verdade é que o Itinerário indica uma distreita, pouco passando de uma adaptação de velhos caminhos medidas (séculos I a. C. / I d. C.), a estrada romana seria sinuosa e esrectilínea. Ao contrário, pelo menos no tempo em que as distâncias foram no Marnel, mas também a aumentar o comprimento total da estrada em paração com a Geografia de Ptolomeu, leva não só a localizar Talábriga estrada. A correcção da distância Talábriga-Lancóbriga, feita por comestreita, facto que contraria a imagem de uma grande e bem construída localização, poderá ter origem romana. No entanto, esta é uma calçada da estrada romana se conservam. A calçada de Serém, considerando a sua subsistido até ao presente. A verdade é que poucos vestígios inequívocos rar que a estrada era praticamente rectilínea e, portanto, de excepcional mais do que a linha recta. Aceitando esta distância, haveria que considenão porem em causa as distâncias indicadas por esta fonte para o per-Uma excessiva fé no Itinerário de Antonino levou muitos autores a Desta maneira, cai por terra a imagem da estrada quase

a registar-se na zona de confluência dos três rios. Globalmente, o povoa-Isso ficou claramente demonstrado pelo esboço topográfico das igrejas mento continuava a organizar-se Na Idade Média, a maior densidade do povoamento continuava em torno do itinerário ocidental

deve ter continuado a ser um ponto de travessia bastante utilizado. povoamento da região e que chegou a ser sede de um extenso julgado, conclusão. No entanto, Ois da Ribeira, que se situava no centro do do Cértima está atestada em três documentos. Quanto à travessia do estrada mourisca, depois chamada estrada velha, na margem ocidental e das cavalarias da região do Vouga por volta de 1300. A passagem da portância com que esta vila nos surge na documentação dos séculos Agueda, talvez ela se fizesse próximo de Recardães, atendendo à im-X e XI. Certas referências a caminhos e estradas apontam para idêntica

da estrada da Beira com o rio Agueda, também já existia em 1377. e do Agueda, que terão sido concluídas em finais deste século ou princípios do século XIV. A ponte de Almeara, que fazia o cruzamento estrada combra, passava agora nas proximidades do futuro burgo de da estrada entre o Marnel e Coimbra. A nova estrada, conhecida como entre 1185 e 1211, terá sido o responsável pela rectificação do traçado Figueiredo. O paço real de Figueiredo foi transferido para o Curval. a Bemposta, que rapidamente se transforma em sede do julgado de gueiredo e Ul, sendo deslocada mais para o interior. E assim que surge outra rectificação na zona de Ul. A estrada deixou de passar em Fia concluir-se. Dom Sancho I, cognominado de «Rei Povoador», no trono nizar o território. Dom Afonso Henriques manda construir a ponte de Avelãs do Caminho e de Figueiredo. Em meados do século XIII, fez-se 1220, as mansiones romanas eram representadas pelos paços reais de Coimbra em 1132, ponte esta que demorará mais de século e meio Por esta época estavam já em construção as pontes do Vouga, do Marnel Agueda e, mais a sul, seguia pela margem oriental do Cértima. Em Fundada a monarquia portuguesa, os reis tratam de povoar e orga-

são povoações ainda mais recentes. do Vouga, Sardão, São João da Azenha, Malaposta, Vendas da Pedreira a partir do século XV. Também se chamou burgo de Agueda. Mourisca ção deve ter-se iniciado após a conclusão da ponte, só se documenta No século XIV, era já conhecida como burgo de Avelãs de Caminho. surge-nos Avelãs de Baixo, povoação que viria a albergar o paço real. da estrada coimbrã tem origens posteriores à sua construção. Aguada de Em 1288, surge a primeira referência à Mealhada. Agueda, cuja forma-Baixo é a grande excepção, estando documentada desde 957. Em 1132 A quase totalidade do povoamento actualmente situado ao longo

Beira a Aveiro, a qual cruzava com a estrada coimbrã em Avelãs de No século XVII, já se documenta uma outra importante ligação da

deve ser relativamente recente, uma vez que não é visível na estrutura do a partir do século XIX, veio dar ainda mais vitalidade a este eixo. povoamento antigo. A passagem da Linha do Norte do caminho-de-ferro, Oliveira do Bairro, Oiã, Costa do Valado e São Bernardo. Este itinerário Caminho. Na sua versão actual, ela segue da Malaposta por Sangalhos,

o litoral o centro do povoamento. E foi assim que, à civitas Marnel o recuo da foz do Vouga e a formação da ria de Aveiro transferiram para geomorfológicas desta região. O assoreamento da rede hidrográfica, transformações da rede viária que descrevi e ainda as transformações e a estrutura do povoamento contemporânea reflectem precisamente as truída, sucedeu a moderna Aveiro. medieval, descendente directa da Talábriga romana e sobre ela cons-Os grandes contrastes entre a estrutura do povoamento medieval

11. Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1967; 1970) «On the Westernmost Road of the Roman Empire», Empire. Part II», Archaeology, vol. 23 (1), p. 44-48. Archaeolog); vol. 20 (3), p. 174-177; «On the Westernmost Road of the Roman
- ALARCÃO, J. (1988b) O Domínio Romano em Portugal, Publicações ALARCÃO, J. (1988a) Roman Portugal, Aris & Philips Ltd, Warminster, England. -América.
- ALARCÃO, J. (1998) «A Paisagem Romana e Alto-Medieval em Portugal», Conimbriga, 37, 89-119.
- Almeida, F. (1956) «Marcos Miliários da Via Romana Aeminium-Cale», O Arqueólogo Português, vol. III (nova série), p. 111-116.
- ALVEIRINHO DIAS, J. M., A. RODRIGUES & F. MAGALHÃES (1987) «Evolução da Linha Síntese dos Conhecimentos», Estudos do Quaternário, I, APEQ, p. 56-66. da Costa em Portugal desde o Último Máximo Glaciário até à Actualidade:
- ALVES PEREIRA, F. (1907) «Geographia Proto-Histórica da Lusitânia. Situação Conjectural de Talábriga», O Arqueólogo Português, vol. 12, p. 129-158.
- AMORIM GIRÃO, A. (1922) Bacia do Vouga. Estudo Geográfico, Imprensa da Universidade, Coimbra.
- AZEVEDO, R. (1933) «O Mosteiro de Lorvão e a Reconquista Cristã», Arquivo Histório de Portugal, vol. I, fasc. 4, p. 183-239.
- BAPTISTA, J. (1829) Reflexões sobre a Navegação do Rio Vouga, manuscrito datado de 1829 mas que reproduz uma comunicação apresentada à Academia das Ciências em 1820. Transcrito em Reflexões sobre a Navegação do Rio Vouga 1829, introdução e notas de A. Lúcio Vidal, Estante Editora, Aveiro, 1989

- BF = Cartulaire de Baio-Ferrado du Monastère de Grijó (XIe-XIIIe Ṣiècles), Robert Durand (ed.), Paris, 1977.
- Braamcamp Freire, A. (1908) «Povoação da Estremadura no XVI século», *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, p. 241-284.
- Branquinho de Carvalho, J. (1950) «A Antiguidade da Mealhada nas Enciclopédias e nos Documentos», Arquivo do Distrito de Aveiro, Aveiro, p. 213-226.
- Brás Teixeira, S. L. R. (1994) Dinâmica Morfossedimentar da Ria de Aveiro (Tese de Doutoramento em Geologia, policopiada), Lisboa.
- Castelo Branco, F. (1971) «Litoral Português, Evolução do» Dicionário de História de Portugal, Joel Serrão (dir.), Livraria Figueirinhas, Porto, vol. IV,
- p. 39-43.

 CASTRO, M. E. (1987) «Trajecto da Via Militar Romana desde a Branca a Fiães da Feira», Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca, Arouca, p. 47-52.
- Censual = Censual do Cabido da Sé do Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto (ed.), Imprensa Portuguesa, Porto, 1924.
- *Chancelaria 1325-1336* = (1325-1336), Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lis-Chancelarias Portuguesas. D. Afonso IV. Volume I
- CHEVALIER, R. (1972) Les Voies Romaines, Lib. Armand Colin, Paris.
- COELHO DA SILVA, A. (1994) «As Origens do Porto», História do Porto, L.A. Oliveira Ramos (dir.), Porto, p. 45-116.
- Coixão, A. N. S. (1997) Um Projecto, a Investigação, a Musealização e um Circuito. Freixo de Numão 1980-1996, ACDR de Freixo de Numão.
- CONDE DA BORRALHA (1932-1939) I = «Águeda. Subsídios para a sua História», Shell VII ... », Idem, vol. V, 1939, p. 119-126. «Agueda VI ...», Idem, vol. III, 1937, p. 105-115 e 281 e segs.; VII = «Águeda vol. I, 1935, p. 49-56; III = «Agueda ... III», *Idem*, p. 171-181; IV = «Agueda IV II = «Águeda: Subsídios para a sua História», Arquivo do Distrito de Aveiro, crição Necessária)», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. IV, 1938, p. 309-313; ...», Idem, vol. II, 1936, p. 29-33; V = «Águeda V ...», Idem, p. 29-33; VI = News, Aveiro, 31 de Dezembro de 1932, reproduzido em «Águeda (Uma Trans-
- Correia, F. S. (1944) Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas, Lisboa. COSTA VEIGA, A. B. (1943) Algumas Estradas Romanas e Medievais. Notas ao Atlas do Vol. I dos Estudos de História Militar Portuguesa, Lisboa.
- Bairrada, Levantamento arqueológico n.º 238, Instituto de Arqueologia, Coimbra. L. M. M. (1995) Subsídios para uma Carta Arqueológica da Região da
- DC = Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae, vol. I, Lisboa, 1867-
- DP/III = Documentos Medievais Portugueses. Documentos Particulares. vol. III. AD.1101-1115, Rui de Azevedo (ed.), Academia Portuguesa de História,
- DP/IV = Documentos Medievais Portugueses. Documentos Particulares. vol. IV, Rui de Azevedo e Avelino de Jesus da Costa (ed.), Lisboa, 1980.

- DR = Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios, Rui de Azevedo (ed.), Academia Portuguesa de História, vol. I, tomos I e II, 1958-1961.
- Elucidário = Fr. J. de Santa Rosa de Viterbo, Elucidário das Palavras, e Frases, edição crítica de Mário Fiúza, 2 volumes, 1965-66. Termos
- Encarnação, J. d' (1996), «Recensões bibliográficas», Conimbriga, 35, Coimbra p. 224-225
- Fernandes, M. A. (1996) S. João da Madeira: Cidade do Trabalho, Câmara Municipal de S. João da Madeira.
- FERREIRA DE ALMEIDA, C. A. & E. SANTOS (1971) «O Castro de Fiães», Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. II, 1971,
- Ferreira, O. (1993) Caracterização dos Principais Factores Condicionantes do Ba-Mondego, tese de mestrado, Universidade de Lisboa. lanço Sedimentar e da Evolução da Linha da Costa entre Aveiro e o Cabo
- Fortunato de Almeida (1971) «Catálogo de todas as Igrejas, Comendas e Mosteiros nova edição, vol. 4, Livraria Civilização, Porto, p. 90 e segs. a Lotação de cada uma delas. Ano de 1746», História da Igreja em Portugal, que Havia nos Reinos de Portugal e Algarves pelos Anos de 1320 e 1321 com
- GRANJA, H. & T. A. M. DE GROOT (1996) «Sea-Leyel Rise and Neotectonism in a Study», Journal of Coastal Research, vol. 12, p. 160-170. Holocene Coastal Environment at Cortegaça Beach (NW Portugal): A Case
- LADEIRA, F. D. (1982) Município de Águeda, Ed. do Autor, 2 volumes. Nenhum dos que ambos foram entregues na tipografia em 1982. volumes apresenta data de edição, mas o autor informa no volume II, p. 39 e 41,
- Lancastre e Távora, L. G. (1983) O Estudo da Sigilografia Medieval Portuguesa, Ministério da Educação.
- Leite de Vasconcelos, J. (1913) Religiões da Lusitânia, vol. III, Imprensa Nacional Lisboa.
- LOPES, D. (1991) Os Árabes nas Obras de Alexandre Herculano, (separata do Boletim da Segunda Classe, Academia das Ciências de Lisboa, vol. 3-4).
- LP = Livro Preto da Sé de Coimbra, Leontina Ventura e Maria Teresa Veloso (ed.), Loureiro, A. F. (1874) O Mondego e a Barra da Figueira, Imprensa Nacional, Lisboa.
- MALHEIRO, L. (1997) «Sangalhos: Povoação de Origem Romana», Aqua Nativa, Associação Cultural de Anadia, n.º 12, p. 44-49. Avelino de Jesus Costa (dir.), Arquivo da Universidade de Coimbra, 1977-79.
- Mantas, V. (1996) A Rede Viária Romana na Faixa Atlântica entre Lisboa e Braga, ramento, policopiada). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra (Tese de Douto-
- MATTOSO, J., L. KRUS & A. ANDRADE (1993) A Terra de Santa Maria no Século Maria. XIII. Problemas e Documentos, Comissão de Vigilância do Castelo de Santa
- Mendes, H. G. (1974) «Cartografía e Engenharia da Ria e Barra de Aveiro no Último e 241-270. Quartel do Século XVIII», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. XL, p. 184-220

- Milenário = Milenário de Aveiro. Colectânea de Documentos Históricos, vol. I, Câmara Municipal de Aveiro.
- Morais, A. (1922) «A Mata de Perrães», memória apresentada ao Instituto Etnológico em «A Pateira de Fermentelos», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. XI, 1945. da Beira em 22 de Fevereiro de 1922. Transcrita por J. S. de Sousa Baptista
- Мота, A. P. (1991) Oiā: Terras e Gentes, Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada.
- Municipal de Oliveira do Bairro. A. P. (1997) Oliveira do Bairro: em Busca da História Perdida, Câmara
- NOGUEIRA GONÇALVES, A. (1959) Inventário Artístico de Portugal. VI. Distrito de Aveiro. Zona Sul, Academia Nacional de Belas Artes (ed.), Lisboa.
- NOGUEIRA GONÇALVES, A. (1981) Inventário Artístico de Portugal. X. Distrito de Aveiro. Zona Norte, Academia Nacional de Belas Artes (ed.), Lisboa.
- Nogueira Gonçalves, A. (1967) «As Pontes de Mestre Zacarias de Córdova no Século Décimo», *Ocidente*, vol. LXXII, p. 3-17.
- OLIVEIRA, M. (1943) «De Talábriga a Lancóbriga pela Via Militar Romana», Arquivo do Distrito de Aveiro, IX, p. 44-68.
- Oliveira, M. (1967) Ovar na Idade Média, Ovar.
- PATO, M. S. (1919) A Pàteira de Fermentelos: Ante-Projecto de Enxugo, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.
- Pereira, I. P. & M. S. Ramos (1778a) Mappa Topografico da Barra da Cidade de Aveiro, Mapoteca do Instituto Geográfico e Cadastral, mapa n.º 309. Mendes nele incluídas. (1974, p. 200-204) reproduz o mapa e transcreve as legendas das várias cartelas
- Pereira, I. P. & M. S. Ramos (1778b) Supplemento do Mappa Topografico da Barra e Rios da Cidade de Aveiro, Arquivo Histórico Militar, caixa 16. Transcrito em Mendes, 1974, p. 205-215.
- RAMOS, D. (1988) Serafim Soares da Graça: Águeda Antiga. Selecção, Introdução e Notas, Águeda.
- RÍBEIRO, O. (1971) «Povoamento», Dicionário de História de Portugal, Joel Serrão (dir.), vol. VI, 1971, p. 466-485.
- RIBEIRO, O., H. Lautensach & S. Daveau (1987) Geografia de Portugal, vol. I, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- Rocha Madahil, A. G. (1941) «Estação Luso-Romana do Cabeço do Vouga», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. VII, Aveiro, p. 227-258 e 313-369.
- ROCHA MADAHIL, A. G. (1942) «O Rol das Cavalarias do Vouga», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. VIII, p. 153-159.
- Rocha Madahil, A. G. (1944) «A Propósito da Visitação do Delegado Episcopal à Igreja de Sangalhos em 1587», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. X, p. 132-
- SAA, M. (1959; 1960) As Grandes Vias da Lusitânia, t. II e III. RODRIGUES, J. (1959) O Couto de Aguim. Subsídios para a Sua História, Cisial, Anadia
- Santa Maria, Fr. A. (1721) Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas

- de Nossa Senhora, Tomo VII, Oficina de António Pedroso Galvão, Lisboa
- SEABRA LOPES, L. (1994a) «A Propósito da Ponte do Casal da Rua. Contributo para o Estudos das Vias Antigas no Concelho de Anadia», Aqua Nativa, Associação Cultural de Anadia, n.º 7, p. 51-56.
- SEABRA LOPES, L. (1994b) «De Portugal a Coimbra pela Estrada Mourisca», Estudos Aveirenses, n.º 3, Aveiro, p. 97-100.
- SEABRA LOPES, L. (1995) «Talábriga: Situação e Limites Aproximados», Portvgalia, nova série, vol. XVI, Instituto de Arqueologia, Porto, p. 331-343.
- Seabra Lopes, L. (1996a) «Talábriga e as Origens da Terra de Vouga», Beira Alta, vol. LV, 1-2, Assembleia Distrital de Viseu, p. 169-187.
- SEABRA LOPES, L. (1996b) «As Coordenadas de Talábriga», Estudos Aveirenses, n.º 6--7, Aveiro, p. 229-244 (ainda em publicação).
- SEABRA LOPES, L. (1997a) «O Problema da Localização de Talábriga», Munda, n.º 34, Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, Coimbra, p. 57-60.
- SEABRA LOPES, L. (1997b) Correcções ao Itinerário de Antonino entre Olissipo e Brácara Augusta, São João da Azenha.
- SEABRA LOPES, L. (1997c) «Itinerários da Estrada Olisipo-Brácara: Contributo para o Estudo da Hispânia de Ptolomeu», O Arqueólogo Português, série vol. 13/15 (1995-1997) [volume comemorativo do centenário da revista], p. 313-
- SILVA, A. M. (1994) Proto-História e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral: Letras, Porto. Elementos para uma avaliação crítica, dissertação de mestrado, Faculdade de
- SILVEIRA, J. (1914) «O Cértima e a Pateira», Jornal de Anadia, 6 de Setembro da Bairrada e Outras Notas, A. Mota (ed.), Liv. Figueirinhas, Porto, 1993, de 1913 / 21 de Novembro de 1914. Reproduzido em Estudos de Toponímia
- SILVEIRA, J. (1911) «O Crasto de Anadia (Estação Lusitânica)», Jornal de Anadia, 12-Notas, Arsénio Mota (ed.), Livraria Figueirinhas, Porto, 1993, p. 71-77. -26 de Agosto. Reproduzido em Estudos de Toponímia da Bairrada e Outras
- SILVEIRA, J. (1943) «Inquirição na Terra de Vouga em 1282», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. IX, p. 81-88.
- Sousa Baptista, A. S. (1947) «Pontes do Vouga e do Marnel», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. XIII, Aveiro, p. 81-85
- Sousa Baptista, A. S. (1948) «Estradas Romanas no Concelho de Águeda», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. XIV, p. 3-22.
- Sousa p. 81-117. Vacca, o Julgado e o Burgo de Vouga», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. XVI, S. (1950a) «Considerações sobre a Cidade Luso-Romana de
- Sousa Baptista, A. S. (1950b) «Cavalarias do Vouga», Arquivo do Distrito de Aveiro vol. XVI, Aveiro, p. 175-188.
- vol. XXIV, Aveiro, p. 311-316 BAPTISTA, A. S. (1958) «Ponte do Marnel», Arquivo do Distrito de Aveiro

- Sousa Baptista, A. S. (1959) «Ponte de Almeara», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. XXV, Aveiro, p. 47-54.
- Sousa Baptista, J. S. (1942) «Vestígios de Vias Romanas no Concelho de Águeda», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. VIII, Aveiro, p. 93-98.
- Sousa, A. (1942) «Antiguidades do Concelho da Feira», Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. 8, p. 129-152 e 206-221.
- SOUTO, A. (1942) «Romanização no Baixo Vouga», Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, IX, 4, p. 283-328.
- Teodoro de Matos, A. (1980) Transportes e Comunicações em Portugal, Açores e Madeira (1750-1850), Ponta Delgada.
- Um Flaviense (1839) Taboa Geografico-Estatística Luzitana, Porto. 'Um Flaviense' é pseudónimo de Francisco dos Prazeres Maranhão.
- Vaz, J. L. I. (1982) «Primeira Campanha de Escavações em Cristelo da Branca», Boletim ADERAVE, 6, p. 26-30; 7, p. 2-14.



FIGURA 1 – Selo da terra de Vouga, pendente de um documento de 1310 e tendo por figura central uma ponte de cinco arcos (ANTT, Cabido da Sé de Coimbra, 2.ª incorporação, maço 91D, n.º 4398).

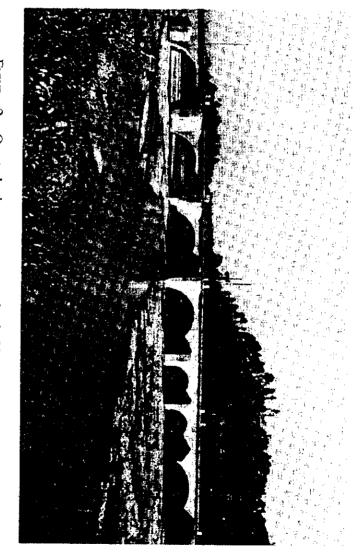


FIGURA 2 - O estado de assoreamento do rio Vouga na zona da ponte NOGUEIRA GONÇALVES, 1959, estampa 49 na década de 1950. Reproduzido de

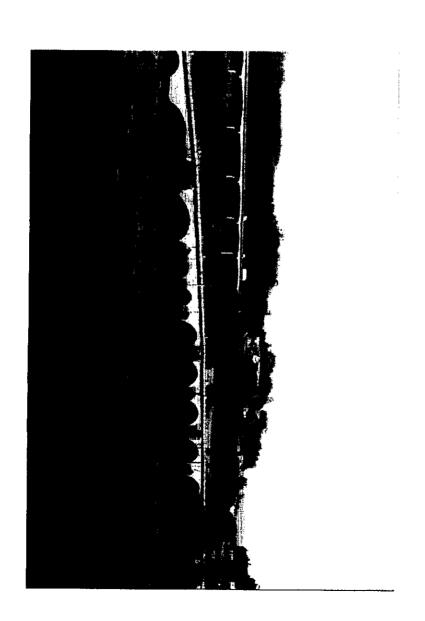


FIGURA 3 – Vista actual da ponte setecentista do Vouga (ao fundo a ponte moderna e a encosta de Serém)

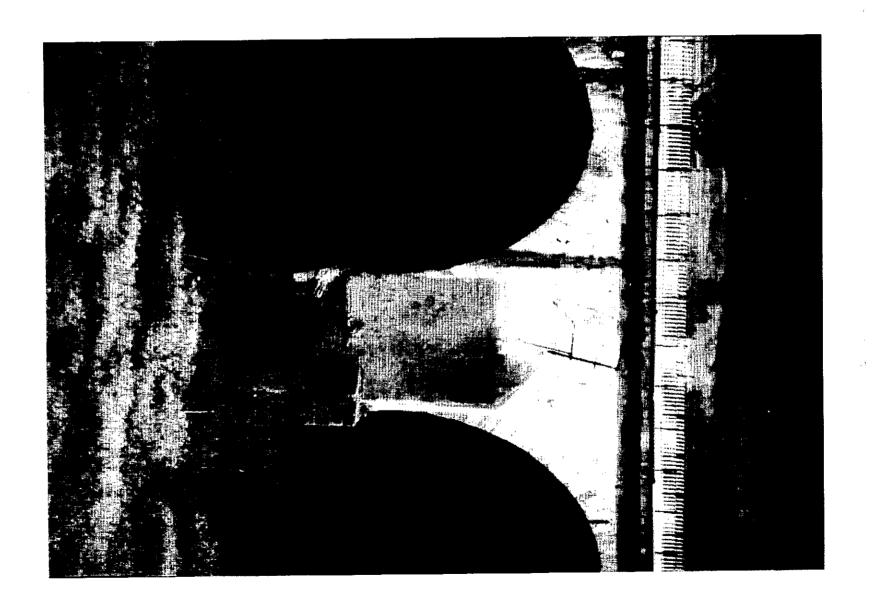


FIGURA 4 - Um dos pilares da ponte do Vouga, em que se vê o arranque dos arcos da ponte medieval

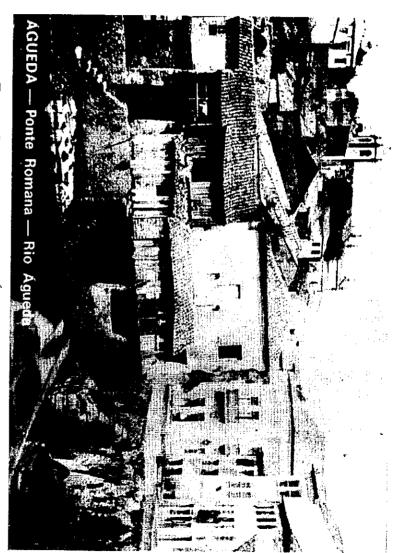
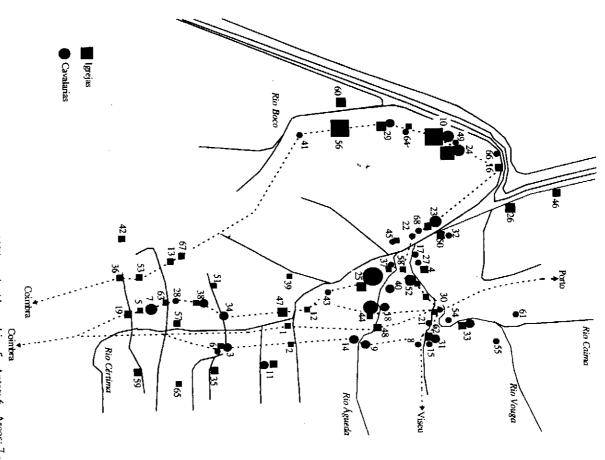


FIGURA 5 - A ponte filipina de Águeda em finais do século XIX (postal editado pelos Serviços de Turismo da Câmara Municipal de Águeda, 1990)

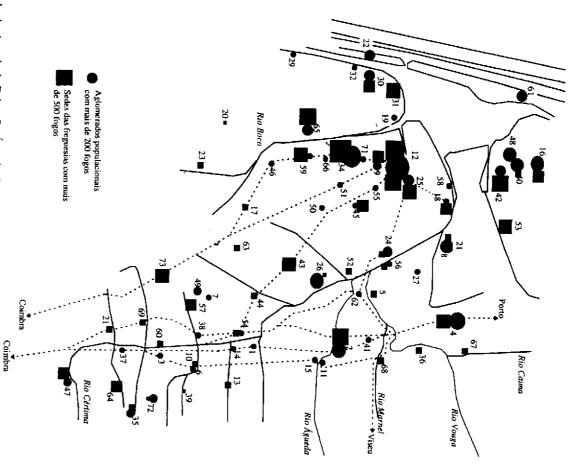
CAPITA VIA MIHIAR)



Figura 6 – A pateira do Marnel, rodeando a velha ponte (postal antigo)



Legenda: 1 - Aguada de Baixo; 2 - Aguada de Cima; 3 - Alféloas; 4 - Alquerubim; 5 - Antes; 6 - Arcos; 7 - Arinhos; 8 - Arrancada; 9 - Assequins; 10 - Aveiro; 11 - Avelãs de Cima; 12 - Barrô; 13 - Bolho; 14 - Borralha; 15 - Brunhido; 16 - Cacia; 17 - Calvães; 18 - Casainho; 19 - Casal Comba; 20 - Covelas; 21 - Cristelo; 22 - Eirol; 23 - Eixo; 24 - Esqueira; 25 - Espinhel; 26 - Fermelã; 27 - Fontes; 28 - Horta; 29 - Ilhavo; 30 - Lamas do Vouga; 31 - Lanheses; 32 - Loure; 33 - Macinhata; 34 - Mogofores; 35 - Moita; 36 - Murtede; 37 - Ois da Ribeira; 38 - Ois do Lanheses; 39 - Oliveira do Bairro; 40 - Oronhe; 41 - Ouca; 42 - Ourentã; 43 - Paradela; 44 - Recardães; 45 - Bairro; 39 - Oliveira do Bairro; 40 - Oronhe; 41 - Ouca; 42 - Ourentã; 43 - Paradela; 44 - Recardães; 45 - Bairro; 52 - Salra Eulália; 49 - Sá; 50 - São João de Loure; 51 - São Lourenço do Bairro; 52 - Segadães; 53 - Sepinis; 54 - Serém; 55 - Soutelo; 56 - Sôza; 57 - Tamengos; 58 - Travassô; 59 - Valarinho de Cacia; 67 - Valongo do Vouga; 63 - Ventosa do Bairro; 64 - Verdemilho; 65 - Vila Nova de Monsarros; 66 - Vilarinho de Cacia; 67 - Vilarinho do Bairro; 68 - Horta (de Eixo).



Legenda: 1 - Aguada de Baixo; 2 - Águeda; 3 - Aguim; 4 - Albergaria-a-Velha; 5 - Alquerubim; 6 - Anadia; 7 - Ancas; 8 - Angeja; 9 - Arada; 10 - Arcos; 11 - Assequins; 12 - Aveiro; 13 - Avelās de Cima; 14 - Avelās do Carninho; 15 - Borralha; 16 - Bunheiro; 17 - Bustos; 18 - Cacia; 19 - Cale da Vila; 20 - Calvão; 21 - Casal Comba; 22 - Costa Nova; 23 - Covão do Lobo; 24 - Eixo; 25 - Esgueira; 26 - Fermentelos; 27 - Frossos; 29 - Cafanha da Boa Hora; 30 - Gafanha da Encarnação; 31 - Gafanha da Nazaré; 32 - Gafanha do Carmo; 33 - Glória (Aveiro); 34 - Ilhavo; 35 - Luso; 36 - Macinhata do Vouga; 37 - Mealhada; 38 - Mogofores; 39 - Moita; 40 - Monte; 41 - Mourisca; 42 - Murtosa; 43 - Olã; 44 - Oliveira do Bairro; 45 - Oliveirinha; 46 - Ouca; 47 - Pampilhosa do Botão; 48 - Pardelhas; 49 - Pardeds do Bairro; 50 - Póvoa do Valado; 51 - Quinta do Picado; 52 - Requeixo; 53 - Salreu; 54 - Sangalhos; 55 - São Bernardo; 56 - São João de Loure; 57 - São Lourenço do Bairro; 58 - Sarrazola; 59 - Soza; 60 - Tamengos; 61 - Torreira; 62 - Travassô; 63 - Troviscal; 64 - Vacariça; 65 - Vagos; 66 - Vale de Ilhavo; 67 - Vale Maior; 68 - Valongo do Vouga; 69 - Ventosa do Bairro; 70 - Vera Cruz (Aveiro); 71 - Verdemilho; 72 - Vila Nova de Monsarros; 73 - Vilarinho do Bairro.

FIGURA 8 – Principais aglomerados populacionais e sedes das maiores freguesias na região do Vouga segundo o censo de 1940

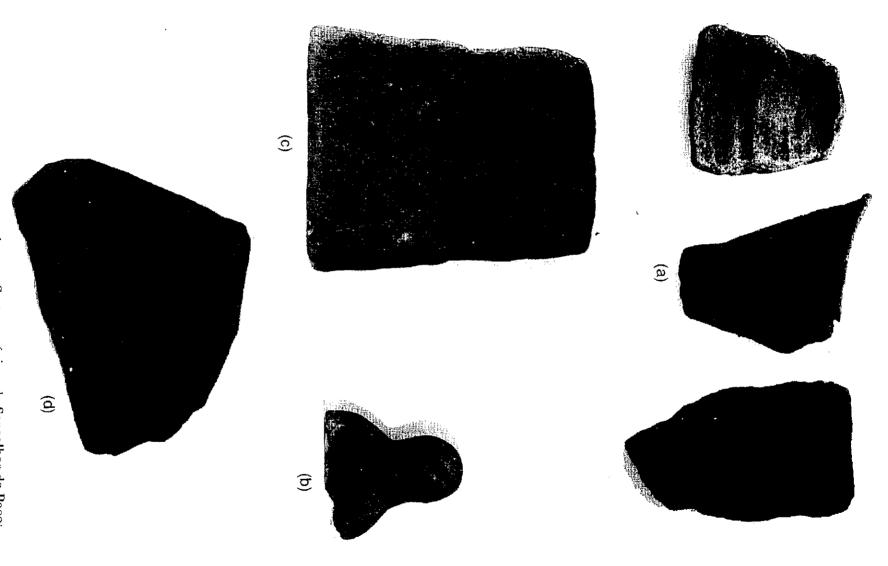


FIGURA 9 – Objectos encontrados nas Sortes, próximo de Sangalhos do Paço: (a) Cerâmica doméstica;(b) Figura humana em terracota;(c) Peso de tear;(d) Tijolo de coluna. Colecção de L. Malheiro.



FIGURA 10 -- Um antigo local de travessia do rio Águeda, junto a Óis da Ribeira



FIGURA 11 - Calçada escavada na rocha em Travassô (Hortinhas/Mato Crespo)

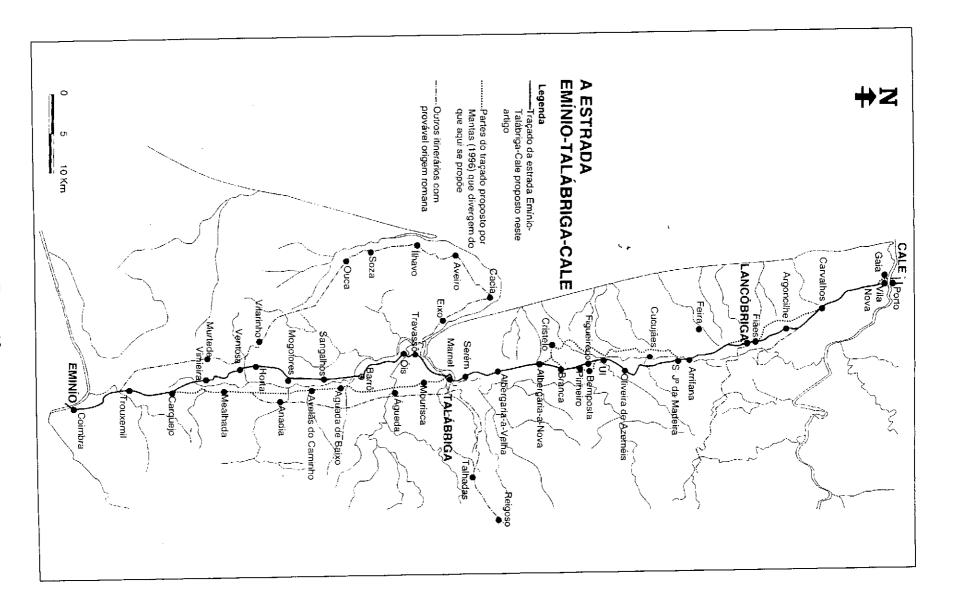


FIGURA 12